

Florestan Fernandes: sociólogo e socialista¹

Jales Dantas da Costa²

Introdução

Esse artigo é fruto de um projeto maior que desembocava em tese de doutoramento. Começou por volta de 2011 com leituras sistemáticas, incontáveis anotações e escritos elaborados de parte do conjunto da extensa obra de Florestan Fernandes, e seguiu por quase dois anos de intensa dedicação. O objetivo de então era escrever e defender uma tese de natureza comparativa sobre *A revolução socialista em Cuba e a revolução burguesa no Brasil*. Tal projeto não fora concluído, e não me cabe aqui esclarecer os motivos para tanto, apenas sublinhar que dele resultou cinco capítulos em fase de finalização: *“Florestan Fernandes: um sociólogo socialista”*; *Sociologia e Socialismo*; *Em defesa do socialismo e do marxismo*; *Teoria e Práxis*; *Reflexões sobre revoluções interrompidas e desatadas na América Latina: os casos de Cuba e do Brasil*; além da reprodução sistematizada de um de seus artigos metodológicos³. O capítulo

1 O título deste artigo se inspira numa apresentação de Heloísa Fernandes, filha mais velha de Florestan Fernandes, socióloga, professora durante anos na Universidade de São Paulo e colaboradora da Escola Nacional Florestan Fernandes vinculada ao MST. Em *Florestan Fernandes, um sociólogo socialista*, Heloísa elabora um *Panorama da vida e da obra* de seu pai. Sua *Presentación* fora originalmente publicada em espanhol pelo CLACSO no ano de 2008, seguida de sete capítulos de Florestan Fernandes por ela selecionados. Foi posteriormente (2011) modificada, traduzida e publicada pela Editora da UFRJ como *Apresentação* ao livro *Brasil: em compasso de espera*.

2 Jales Dantas da Costa, brasileiro e professor adjunto no Departamento de Economia e de seu Programa de Pós-Graduação (na área de Economia Política) da Universidade de Brasília. Doutor em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (atual Departamento de Estudos Latino-Americanos) da UnB. Mestre e Graduado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina. jalesdc@gmail.com

3 Trata-se d'A *Reconstrução da Realidade nas Ciências Sociais*, escrito em janeiro de 1957 e publicado em novembro do mesmo ano. Este trabalho foi considerado por Florestan “um verdadeiro marco na definição da minha idade madura como sociólogo” (1977, p.142). Foi posteriormente reproduzido como o capítulo primeiro do livro *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (a segunda edição data de 1967). O esforço de reprodução condensada desse trabalho pode ser lida em minha tese de doutorado, *Brasil e Chile: riquezas e pobreza*s, páginas 33 a 38. Consultar <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15829>

Em defesa do socialismo e do marxismo foi concluído e publicado como artigo na Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos em 2014 (vol. 4, n. 2).⁴

O artigo que o leitor tem diante de si é uma versão modificada e ampliada do capítulo “*Florestan Fernandes: um sociólogo socialista*”.⁵ O que me motiva a publicá-lo nesse momento é tanto instigar pelo exemplo de sua sociologia crítica e militante que coletivamente possamos responder e enfrentar na teoria e na *práxis* todos os dilemas que se nos apresentam contemporaneamente, como homenagear o maior dos cientistas sociais brasileiro no ano do centenário de seu nascimento⁶ – e nisso ele se inscreve no rol de trabalhos passados e presentes dedicados a esse fim. E são certamente muitos os escritos voltados a descrição e análise da trajetória de sua vida e obra. Há ao menos duas importantes biografias de Florestan: uma escrita por Laurez Cerqueira e publicada pela Editora Expressão Popular em 2004 sob o título *Florestan Fernandes: Vida e Obra*; a outra intitulada *Florestan: a inteligência militante*, de Haroldo Ceravolo Sereza, publicada pela Boitempo em 2005. Sua filha Heloísa Fernandes também registrou *Panorama da vida e da obra* de seu pai, bem como seu inestimável amigo, Antonio Candido, contribuiu para manter viva a lembrança de *Florestan Fernandes*. Ele próprio deixou um conjunto de relatos de natureza autobiográfica⁷ em textos e em entrevistas, a exemplo dos publicados sob os títulos *A condição de sociólogo*⁸, *Em*

4 Consultar <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/181/485>
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/15829>

5 Essa modificação e ampliação se deu graças a um dos pareceristas desse artigo, que além de corrigir um conjunto de imprecisões que cometi inicialmente quanto à história de vida e à produção do Florestan, incentivou-me a (re)ler alguns tantos trabalhos de que não conhecia ou pouco conhecia. Também a ampliação se deve a ele, ao me instigar a ir além da apresentação de sua trajetória, buscar originalidade ao problematizar “as complexas e difíceis relações entre o socialismo e a sociologia, como elas se concretizaram nos escritos acadêmicos de Florestan Fernandes”. As imprecisões foram sanadas, assim espero. Quanto a essa problematização, ela certamente ficou aquém do que é necessário, mas é o que posso apresentar agora ao leitor, dadas as condições em que me encontro no presente. Em verdade, esse não fora o meu objetivo inicial e não estava no raio de minha intencionalidade. Ainda assim, a questão não deixa de ser instigante a ponto de buscar tateá-la aqui, ainda que sem debater com posições dissonantes. Agradeço aos preciosos comentários e assumo as responsabilidades por meus possíveis erros, limites e omissões.

6 Foi assim que Antonio Candido referiu-se a Florestan Fernandes em *Mensagem* em sua homenagem: “É com emoção e respeito que me associo, como velho amigo e admirador irrestrito, a esse preito ao maior cientista social que o Brasil já produziu” (2001, p.64).

7 Sílvia G. Garcia relata ter sido “somente na segunda metade dos anos 70 que Florestan cede[ui] ao depoimento autobiográfico” (2002, p.16).

8 Trata-se de uma longa entrevista concedida em 1975 a Caio Navarro de Toledo, A. T. Menezes Arruda, J. F. T. Lima e U. T. Guariba Netto, posteriormente (1978) publicada como livro *A condição de sociólogo*.

*busca de uma sociologia crítica e militante*⁹, *Florestan Fernandes, histórias e histórias*¹⁰, *Florestan Fernandes por ele mesmo*¹¹ e *A contestação necessária*¹².

Há outros estudos e pesquisas dedicados a um período mais específico de sua trajetória de vida e obra, como o livro de Sylvia Germignani Garcia, *Destino ímpar*, concentrado, conforme seu subtítulo, *sobre a formação de Florestan Fernandes*, na qual reconstrói sua 'formação humana' desde "a aprendizagem 'sociológica' aos seis anos", e, portanto, ainda na década de 1920, até 1953, ano em que defende sua tese de livre-docência e alcança "a maturidade intelectual" (2002, p.13 e 17). Ou o livro *Florestan Fernandes: Mestre da sociologia moderna*, de Maria Arminda do Nascimento Arruda & Sylvia G. Garcia, concentrado nas décadas de 1950 e 1960, período no qual "o principal artífice da moderna sociologia brasileira" constrói "o seu projeto sociológico, constituindo um grupo de pesquisadores comprometidos com áreas temáticas definidas, desenvolvendo reflexões articuladas" (2003, p.09-10). Assim como há estudos e pesquisas que sublinham determinadas dimensões de seu pensamento e trajetória (acadêmica, sociológica, educacional, política, democrática, militante, socialista...), cientes que essas múltiplas dimensões são completa ou em muito indissociáveis. É o caso de *Florestan Fernandes: o militante solitário*, de Eliane Veras Soares, que como o seu próprio subtítulo indica sublinha a atuação de Florestan como militante. A autora reconstrói a sua trajetória política com base em um trabalho exemplar de um conjunto de entrevistas, incluindo suas próprias entrevistas com Florestan durante o seu primeiro mandato como deputado federal entre os anos de 1987 e 1990. Já no livro *Florestan Fernandes*, Marcos Marques de Oliveira sublinha como Florestan analisou e enfrentou o "dilema educacional brasileiro", como atuou contra os desajustes de nosso sistema de ensino perante as necessidades

9 Nesse texto Florestan expõe sumariamente e de "modo fiel" a sua "complicada e dolorosa trajetória intelectual". Foi publicado como o capítulo oitavo do livro *A sociologia no Brasil* pela Editora Vozes em 1977.

10 Entrevista concedida a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn no Museu da Imagem e do Som em São Paulo no dia 26 junho de 1981. Em 2008 foi reproduzida no livro *Florestan Fernandes*, organizado por Amélia Cohn e publicado pela Beco do Azougue, coleção Encontros.

11 Trata-se de uma seleção de cartas de um longa troca entre Florestan e Barbara Freitag (realizada entre junho de 1966 e setembro de 1994). Barbara selecionou algumas dessas cartas e publicou em 1996 na Revista Estudos Avançados da USP. O principal critério de seleção foi destacar a sua própria "fala de seu percurso acadêmico, político e pessoal, destacando os momentos de produção, de crise e de êxito de seus trabalhos" (p.129).

12 Último trabalho de Florestan Fernandes, publicado postumamente pela editora Ática em 1995.

prementes da nação brasileira. O referido livro de Arruda e Garcia contempla a dimensão do trabalho do *Mestre da sociologia* mais voltado para o âmbito da pesquisa, da formação de pesquisadores e da concepção da profissão. A temática da democracia e da educação vivida e analisada pelo grande sociólogo também foi objeto de atenção por parte dos autores de *Democracia e educação em Florestan Fernandes*. Em *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*, seus autores analisaram sete áreas centrais de interesse de Florestan: “universidade e escola pública, a questão racial, o problema indígena, o folclore, a revolução burguesa, teoria sociológica, e marxismo e revolução”, numa tentativa pioneira “de abordar sistematicamente sua obra extensa e variada” (1987, p.11).¹³

É claro que não se pretende com o que já foi dito aqui fazer qualquer espécie de inventário das publicações mais relevantes sobre o maior expoente da sociologia brasileira.¹⁴ *O que importa destacar é que nesse artigo nos dedicamos a sumarizar sua trajetória do começo ao fim sublinhando suas dimensões de sociólogo e socialista*. E o fazemos pelas (re)leituras de boa parte de sua extensa obra e de um conjunto de autores consagrados estudiosos de sua obra e de convívio com Florestan. É conhecida a tese defendida por Barbara Freitag¹⁵ de que houve um “corte ou ruptura epistemológica” na obra de Florestan quando da consolidação do regime militar no Brasil e de sua aposentadoria compulsória pelo

13 Ver a *Apresentação* de Maria Angela D'Incao ao livro *O saber militante*.

14 Reconhecendo que é longa a lista de referências de trabalhos voltados ao estudo da vida e/ou obra do Florestan, e para melhor municiar o leitor interessado, registro aqui mais alguns outros trabalhos pertinentes: FREITAG, Barbara. *Die sozio-ökonomische Entwicklung aus der Sicht eines brasilianischen Sozialwissenschaftlers (SSIP - Verlag, Saabrücken, 1969)* [O desenvolvimento socioeconômico brasileiro segundo a perspectiva de três cientistas sociais (Gylberto Freire, Florestan Fernandes e Celso Furtado)]; ANTUNES, Ricardo & FERRANTE, V.B. (Orgs.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1989; REVISTA USP. Dossiê Florestan Fernandes. São Paulo : Revista USP. N°29, mar-maio 1996; CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Florestan Fernandes: a criação de uma problemática*. São Paulo : IEA/USP, n. 26, 1996; MARTINS, José de Souza. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo : EDUSP/FAPESP, 1998; MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo : Boitempo & Centro Universitário Maria Antônia USP, 1998; COHN, Amélia. *Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro : Beco do Azogue, 2008; PIZETTA, Adelar João. & FERNANDES, Heloísa & SOARES, E. Veras et al. *O legado de Florestan Fernandes*. Guararema : Escola Nacional Florestan Fernandes, 2009. Ademais, alguns dos livros já citados trazem informações a esse respeito, ou mesmo uma lista de obras a seu respeito.

15 Ver o seu artigo *Democratização, universidade e revolução*, apresentado durante 1º Jornada de Estudos Florestan Fernandes em Marília/SP em 1986, e publicado no ano seguinte no livro *O saber militante*.

AI-5 em 1968, no qual ele transita de uma fase “acadêmico-reformista” para uma fase “político-revolucionária”.

Certamente essa *ruptura* epistemológica não se deu da noite pro dia (...). Já no Florestan reformista se encontrava o embrião do Florestan revolucionário. Mas talvez esse último não se desenvolvesse de forma tão radical e consistente em direção ao socialismo se a conjuntura política tivesse sido outra, ou melhor, se tivesse continuado o pacto populista-desenvolvimentista. Índícios da presença embrionária do revolucionário no reformista se encontravam especialmente nos temas e problemas selecionados e minuciosamente estudados por Florestan (...). O crítico incansável das desigualdades e injustiças, na fase reformista, revela o revolucionário latente. (...) Seja como for, o Florestan de antes do AI-5 não deu por si só o salto da reforma para a revolução. Foram, a meu ver, os processos políticos que se radicalizavam no Brasil que provocaram a ruptura epistemológica definitiva. (Freitag, 1987, p.167-168).

Também se sabe que o próprio Florestan não aprovava tal tese¹⁶, e que Eliane Soares retomou essa tese de uma maneira (nas palavras de Freitag) “tão original e perspicaz que permite sua “Aufhebung”, isto é, sua contestação, superação e preservação, no bom estilo da dialética hegeliana”. Em sua avaliação, Soares “descobre que, na trajetória de Florestan Fernandes, o político já se encontrava encubado no jovem Florestan, estudante de sociologia, do mesmo modo que no deputado federal; nunca se silenciava a voz do sociólogo crítico, dissecando a realidade brasileira” (Freitag, 1997, p.12-13). De minha parte avalio ser também possível reescrever essa sentença trocando o político pelo socialista (tais dimensões são indissociáveis no seu caso), sem que isso se configure numa descoberta.

De “Vicente” a Florestan

Florestan Fernandes nasceu na cidade de São Paulo no dia 22 de julho de 1920. Filho de Maria Fernandes, mulher de origem portuguesa que chegou ao Brasil aos 13 anos de idade para fugir da fome e trabalhar nas lavouras do interior de São Paulo, e que mais tarde passou a prestar serviços em casas de famílias paulistas. Viveu sem conhecer o pai. Teve o seu nome trocado por “Vicente” ao ser batizado pela patroa de sua mãe, Hermínia Bresser de Lima, que julgava o nome Florestan reservado apenas para gente de classe alta, inapropriado para um

16 “Florestan não gostou da tese que lá defendi, em sua presença, sobre a existência de um “corte” em sua obra, separando o “acadêmico-reformista” do “político revolucionário” (...). Tenho a impressão que o deputado Florestan Fernandes não me perdoou a avaliação de Marília” (Freitag, 1996, p.131).

filho de lavadeira, apesar do carinho ao recém-nascido. Seu primeiro trabalho foi limpar as roupas de fregueses numa barbearia. Logo passou a engraxar sapatos nas ruas de São Paulo, nos bairros de Bela Vista, Cambuci, Vila Mariana e no Largo Ana Rosa. Ainda na infância e pré-adolescência trabalhou carregando compras em feiras livres e como auxiliar numa alfaiataria. Na adolescência trabalhou como ajudante de açougue e em vários outros lugares, marcenaria, padaria, bar e restaurante como garçom, e pouco depois como vendedor de material para consultórios de dentistas na Novoterápica e assim quebrando o “círculo de ferro” de sua condição anterior, já que passara a manter sua mãe e a pagar os estudos. Sua filha, Heloísa Fernandes, nos conta que ele viveu ao léu, em cortiços, porões e em quartos alugados. Conheceu “o legado trágico da vida de São Paulo”, “comendo quando dava, sofrendo humilhações, (...) vive nas ruas a experiência da exclusão, da violência e do preconceito, temas que são marcantes na sua obra sociológica. Aprendeu com as duras lições da fome, do medo e do desamparo” (2011, p.10).

Estudou inicialmente no Grupo Escolar Maria José, em Bela Vista, mas para “ganhar a vida” teve que abandonar os estudos no terceiro ano. Só muito mais tarde, já com pouco mais de dezesseis anos, retomou-os no curso madureza (Ginásio Riachuelo) com muito entusiasmo, passando “do pato ao ganso” no cenáculo ao qual participou, e aos poucos convertendo-se em um intelectual, com aspirações de tornar-se professor. Lia o que podia no âmbito de seu autodidatismo forçado, curta aprendizagem compacta e precária bagagem intelectual. Ainda assim, era momento em que “novos horizontes humanos e novas vias de socialização” se lhe abriam, abandonando a cultura de *folk* anterior; momento de transformação do “orgulho selvagem, de agressão e autodefesa” numa força psicológica que o colocava em interação com o “mundo dos homens”, dentro da sociedade.

Falando sobre sua própria “formação humana”¹⁷, revela ter iniciado a sua

aprendizagem ‘sociológica’ aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade (...) Eu me descobri e, ao mesmo tempo, sentia crescer dentro de mim uma vocação adormecida, que me dava força e agúcia para aceitar o desafio de tornar-me um professor e um intelectual.

17 O relato autobiográfico detalhado de sua “formação humana” pode ser lido no capítulo 8, *Em busca de uma sociologia crítica e militante*, do livro *A sociologia no Brasil*.

(...) já no segundo ano do curso eu sabia muito bem o que pretendia ser e me concentrava na *aprendizagem do ofício* (...) Em suma, o *Vicente* que eu fora estava finalmente morrendo e nascia em seu lugar, de forma assustadora para mim, o *Florestan* que eu iria ser. (Fernandes, 1977, p.142 e 156-157, itálicos no original).

Aos 21 anos (em 1941) e decidido em fazer curso superior e tornar-se professor (ainda no ensino secundário, pois as aspirações ao magistério superior viriam depois), prestou exame para o curso de Ciências Sociais¹⁸ da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Heloísa deu o seguinte testemunho sobre a Universidade de São Paulo e a relação de Florestan com ela durante princípios dos anos 1940:

A universidade faz parte de um complexo contexto social e político marcado pela crise da oligarquia cafeeira paulista, pela intensa urbanização da cidade e pela industrialização crescente. É neste contexto que um projeto liberal assumido por uma fração da elite dominante começa a construir uma hegemonia intelectual e moral comprometida com a defesa da ciência e com uma certa democratização do ensino e da universidade, que é sua filha dileta (...). Formalmente proclamada para funcionar segundo os critérios acadêmicos de seleção, avaliação e promoção, a universidade é uma instituição que incentiva o mérito e a capacidade individual numa sociedade em que a riqueza e, especialmente, a origem familiar continuam decidindo quem “é gente”. (...) Florestan ascende ao “mundo dos letrados” e ao projeto de democratização da sociedade pela via da educação, que ele acaba de encarnar. No fundo, apenas um sujeito como ele, disposto aos piores sacrifícios que só a ideologia do mérito é capaz de impor, poderia ter assumido com tamanha convicção a face mais utópica e generosa do radicalismo burguês. (Fernandes, H., 2011, p.11-12).

Florestan foi recebido com certa frieza no início de sua vida universitária, dado sua condição social. Mas aos poucos foi melhorando suas relações sociais com estudantes (que ao contrário dele, provinham de famílias tradicionais de classe média ou alta), e sobretudo depois que recebeu o respeito e reconhecimento de vários professores¹⁹, quando passou a publicar na revista de

18 Sua opção inicial era fazer o curso de engenharia química, porém a exigência de presença integral o impossibilitou de realizar essa escolha. Florestan precisava “manter a casa”. Já a escolha das Ciências Sociais e Políticas, se deu por conta das oportunidades que coincidiam com seus “interesses intelectuais mais profundos”. Foi aprovado por Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide (e um terceiro professor) por comentar um trecho *De la division du travail social: étude sur l'organisation des sociétés supérieures* de Émile Durkheim. (Florestan, 1977, p.154-5).

19 Ainda no início da graduação, Florestan já revelara sua vocação para a pesquisa de campo e para o trabalho de reconstrução histórica, como o demonstram sua investigação sobre o folclore paulistano e outros trabalhos, tais como o estudo sobre a evolução do comércio internacional no Brasil da Independência a 1940. Não foi à toa que recebeu o reconhecimento e respeito por parte de vários professores: do professor Paul Hugon, que se dispusera a orientar-lhe, e inclusive arrumou um emprego para trabalhar com Roberto Simonsen, o qual ele negara; de Roger Bastide, que apreciou os seu estudo sobre *O Folclore em São Paulo* e logo tornou-se o seu “principal professor” e um de seus “melhores amigos”; bem como de Emílio Willems, que aceitou publicar

Sociologia (seu primeiro artigo saiu em 1942) e nos jornais O Estado de São Paulo e Folha da Manhã²⁰, depois que firmou amizade com Candido. Os ânimos se abrandaram e o reconhecimento brotou das mais inesperadas pessoas, não só da própria faculdade como do meio intelectual e político paulistano. Morria assim o Vicente, “aprendiz de sociólogo” que viveu obrigado a enfrentar os desafios que a dura vida lhe impunha, ao mesmo tempo em que nascia o Florestan, que desde os princípios de sua iniciação como cientista social já demonstrava extraordinária disciplina intelectual²¹, originalidade e talento inventivo.

O Ofício do Sociólogo e a Ruptura com as Malhas da Profissionalização do Sociólogo

Ao final da graduação Florestan aceita o convite do professor Fernando de Azevedo para ser seu segundo assistente na Cadeira de Sociologia II. Concomitantemente a atividade de professor assistente na Faculdade de Filosofia, cursou a pós-graduação na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Esse fora o seu “segundo patamar de formação”, momento de perigração pelas bibliotecas, tentativas de alargar a educação escolarizada, árdua e compensatória experiência ao nível do ensino²² e intensa atividades de pesquisas. Dois marcos

artigos seus na revista Sociologia; Fernando Azevedo que em reconhecimento ao seu talento colocou-lhe a sua bolsa e sua biblioteca à disposição. Era o início de “uma longa e sólida amizade”. Foi com ele que iniciou sua carreira docente, ocupando em 1945 o cargo de seu segundo assistente na Cadeira de Sociologia II (o primeiro assistente fora o Antonio Candido); Eduardo Alcântara de Oliveira o queria para ser seu segundo assistente em estatística; mais tarde, e já na pós-graduação, também Herbert Baldus apreciou o talento de Florestan e veio a orientar-lhe em seu mestrado.

20 Foi por intermédio de Sérgio Milliet que Florestan passou a publicar em O Estado de São Paulo. E foi por intermédio de Jussieu da Cunha Batista e de Hermínio Saccheta que passou a publicar na Folha da Manhã. *Livros que valem* foi o primeiro artigo de Florestan publicado na Folha da Manhã, em 1 de julho de 1943. Será a partir desse momento que ele passa a agregar à sua carreira acadêmica à função de intelectual publicista, com presença nos debates sobre questões políticas, sociais e culturais.

21 Antonio Candido conta ter conhecido Florestan no ano de 1944, e que logo no início de sua convivência ficou impressionado com a sua capacidade de trabalho. Sua extraordinária disciplina intelectual o levava a ler até “14 horas no dia”. Chegava pontualmente às 8 horas e não se distraía quando se dedicava ao trabalho intelectual. À noite, enquanto esperavam o ônibus para irem embora, discutiam questões relativas à universidade, aos teóricos, às teorias etc. Candido ia para casa descansar, já Florestan dirigia-se para a biblioteca municipal e lá ficava até às 23 horas, quando esta fechava as portas.

22 É digno de nota que desta atividade de ensino resultou em extraordinário avanço por parte de Florestan: “Foi por aí que avancei, rapidamente, em novas direções e, em particular, que logrei certa competência intelectual em várias disciplinas (das quais, as mais importantes para mim, foram a sociologia aplicada e a sociologia do conhecimento). As preocupações sobre o objeto, campo e problemas da sociologia tomavam maior força e nitidez, ao mesmo tempo que me via forçado a trabalhar, mais a fundo, sobre as técnicas empíricas e lógicas da investigação

de sua preparação sociológica vieram das pesquisas relacionadas com o folclore (destaque para *As trocinhas do Bom Retiro*) e o levantamento sistemático de dados e a pesquisa de reconstrução histórica sobre os Tupinambá, do qual resultou em *A Organização social dos tupinambá*²³ e com ela não apenas o título de mestre em Ciências Sociais em 1947, também “a modificar a [sua] concepção da sociologia e da natureza ou alcance da explicação sociológica (...) encadear[-se] a uma tradição de pensamento científico de um modo mais crítico” (Fernandes, 1977, p.175).

O início dos anos cinquenta marca o fim de seu período de formação com a sua transferência à frente da Cadeira de Sociologia I (oficializada em 1952), e em seguida a assinatura do contrato para substituir Roger Bastide; também pela defesa de seu trabalho “mais puro como sociólogo” e no qual dera a “maior vazão aos ímpetos de *scholar*”, *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*²⁴, tese pela qual conquistou em 1951 o título de doutor em sociologia. Florestan reconhece que seus estudos sobre os tupinambás marcaram o fim de sua iniciação como cientista social, o período em que aprofundou seu processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, em que se tornara um sociólogo com pleno domínio da sociologia descritiva e da sociologia diferencial. (1978, p.72 e 85).

Sobre os seus dois estudos dos tupinambá, Florestan teceu a seguinte avaliação:

as duas contribuições [*A Organização Social dos Tupinambá* e *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*] surgem em um momento que as torna, queiramos ou não, um marco nas investigações das sociedades primitivas no Brasil. (...) Penso que mostrei que se pode explorar a reconstrução histórica com o mesmo rigor que a pesquisa de campo e que demonstrei que éramos capazes de estudar as sociedades tribais, por nossa conta e com os nossos meios, segundo os requisitos descritivos e interpretativos da ciência moderna. (Fernandes, 1978, p.88-89).

sociológica. Três livros ilustram a fecundidade de tais avanços, obtidos principalmente através das salas de aula: *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica, Ensaios de sociologia geral e aplicada* e *Elementos de Sociologia Teórica*” (1977, p.177-178).

23 FERNANDES, Florestan. *A Organização Social dos Tupinambá*. 2º ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

24 FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 3º ed. São Paulo: Globo, 2006.

No início dos anos 1950 passou a trabalhar com Roger Bastide numa inovadora pesquisa²⁵ relacionada à temática das relações entre negros e brancos na sociedade paulistana, abordando a formação da sociedade escravocrata em São Paulo, manifestações e efeitos do preconceito de cor, e também a luta travada contra esse antigo preconceito. Nessa pesquisa, patrocinada (com irrisórios recursos) pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Bastide e Florestan decidiram mobilizar a comunidade negra para que participassem ao lado dos pesquisadores, o que causou forte impacto na Universidade, onde alguns professores reagiram mal aos métodos adotados, métodos esses que rompiam com a redoma em que vivia a academia, e abalava as estruturas do poder burocrático que se faziam sentir nos arraigados hábitos e na rotina de seus pesquisadores.²⁶

Anos depois Florestan diria que “através do índio, ficara conhecendo o Brasil dos séculos XVI e XVII; através do negro teria de estudar relativamente a fundo o Brasil dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX” (1978, p.95), e que “se se procede a uma avaliação global, de todos os temas que eu tratei, aquele que me engrandeceu mais, do meu ponto de vista, foi o estudo do negro” (Idem, p.92). Revelaria também que essa pesquisa com Bastide e outros foi a maior das que

25 Esta pesquisa foi escrita por Bastide e Florestan, e foi inicialmente publicada em 1953 na Revista Anhembi. A sua 4ª edição saiu sob o título *Branco e Negro em São Paulo* pela Editora Global no ano de 2008.

26 Em *A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes*, publicado na Revista USP de março/maio de 1989 e dedicada ao *Dossiê Florestan Fernandes*, João Batista Borges Pereira apresenta três principais motivos que levaram alguns autores a jugarem a pesquisa de Bastide, Florestan e outros como “revolucionária”: “1) Propunha-se, em síntese, através da pesquisa sociológica desmascarar a realidade brasileira, colocá-la a nu, desfazer um mito fortemente arraigado no imaginário popular e no pensamento científico, e que já começava a se internacionalizar, de que o Brasil era o país da democracia racial; (...) 2) Adota-se uma linha teórico-metodológica que dava grande importância à empiria e procurava interpretar os fatos dialeticamente à luz de um referencial marxista, ainda que outros esquemas teóricos não fossem totalmente abandonados. Sem dúvida alguma a conjugação – questão racial, pesquisa empírica e método dialético – representava uma inovação na prática sociológica; (...) 3) Escreve-se um capítulo na institucionalização da pesquisa no Brasil”. Quanto à distribuição de tarefas dessa grande pesquisa, Pereira reproduz o que disse Florestan a respeito: “A reconstrução histórica ficou a meu cargo [de Florestan], com a colaboração de Renato Jardim Moreira; uma importante sondagem quantitativa sobre incongruências de atitudes e valores na esfera das relações raciais foi conduzida por Roger Bastide, com a colaboração de Lucila Herrmann. Os materiais referentes à Lei Afonso Arinos, por sua vez, foram arrolados através de uma sequência de debates” (p.38). Pereira também resgata as seguintes impressões de Florestan sobre as reações à pesquisa: “de imediato, fomos considerados 'tendenciosos' e responsáveis pela 'deformação da verdade' em vários níveis da sociedade circundante. Houve, mesmo, uma ocorrência típica. O diretor de uma escola de sociologia que afirmou publicamente que Bastide e eu estávamos introduzindo 'o problema' no Brasil! A comunidade negra, por sua vez, exagerou a importância de nossa contribuição”. (Pereira, 1996, p.37-40).

participou ao longo de toda a sua carreira, sendo a maior contribuição empírica que logrou dar ao conhecimento sociológico da sociedade brasileira, e pela qual conformou o seu modo de praticar o “ofício de sociólogo” (Ibidem, p.58 e 95).

Em 1953 tornou-se livre-docente da Cadeira de Sociologia I da FFCL/USP, com o *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia*. A essa altura já

estava disposto a lutar com qualquer um que dissesse que nós não somos capazes de impor a nossa marca à sociologia. Ao antigo símbolo do *made in France*, eu pretendia opor o *feito no Brasil*. Não estava em busca de uma estreita “sociologia brasileira”. Pretendia, isso sim, implantar e formar padrões de trabalho que nos permitissem alcançar o nosso modo de pensar sociologicamente e a nossa contribuição à sociologia. (Fernandes, 1977, p.178).

Essa Cadeira de Sociologia I fora por ele convertida “em um pião para atingir fins que são inacessíveis ao professor e ao investigador isolado” (Fernandes, 1977, p.178). Foi no âmbito desta Cadeira de Sociologia I, e através de “intensa e fecunda atividade intelectual”, que ele e seus colaboradores²⁷ deram sua contribuição à sociologia brasileira. Isso durou quase quinze anos, entre 1955 e 1969. Para registrar 'apenas' a sua contribuição 'individual' à sociologia brasileira durante boa parte desse período, listamos um conjunto de trabalhos memoráveis: *A etnologia e a sociologia no Brasil. Ensaio sobre aspectos da formação e desenvolvimento das ciências no Brasil* (1958), *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959), *Ensaio de sociologia geral e aplicada* (1960) e *A sociologia numa era de revolução social* (1963). Os três ensaios de *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (escritos entre 1953 e 1957) se voltam aos temas de natureza metodológica nas ciências sociais e na sociologia.

27 Florestan adverte que o esforço coletivo do grupo “não pode nem deve ser isolado do que fizeram outros sociólogos brasileiros. Contudo, ele foi encarado, aqui e no exterior, como um índice de autonomia intelectual e de capacidade criadora independente. O que fomentou o mito da 'escola paulista de sociologia' e nos conferiu um prestígio que sobreviveu ao expurgo que sofremos” (1977, p.179). Entre os representantes do grupo, incluindo aí os vinculados ao Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho – o CESIT foi um “anexo da Cadeira de Sociologia I” criado em 1962 –, estavam: Fernando Henrique Cardoso, Renato Jardim Moreira, Octavio Ianni, Maria Sílvia Carvalho Franco, Marialice Foracchi, Luiz Pereira, Gabriel Cohn, José de Souza Martins, Paul Singer, Juarez Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues Neto, Roberto Cardoso de Oliveira, José Carlos Pereira, José César Aprilanti Gnaccarini, Gabriel Cohn, José Carlos Pereira, Gabriel Bolaffi Sedi Hirano, Lourdes Sola, Claudio José Torres Vouga, José Rodrigues Barbosa, Luiz Wejz, José Francisco Fernandes Quirino, Vera Lúcia Brizola, Maria Célia Pinheiro Machado, Dirceu Nogueira Magalhães, André Pompeu Vilalobos, Maria Helena Oliva Augusto e Bertram Hutchinson. Também contribuíram com o grupo alguns economistas (Sebastião Advíncula da Cunha, Nuno Fidelino de Figueiredo, Aécio Cândido Galvão e Advíncula da Cunha. Manoel Tosta Berlinck colaborou no setor docente e Noemi Pinheiro como secretária devotada de todo o grupo.

A etnologia e a sociologia no Brasil trata de certos aspectos da formação e do desenvolvimento da sociologia (e da etnologia) no Brasil. Os *Ensaio de sociologia geral e aplicada* trata de problemas de natureza teórica e prática da sociologia, bem como formação e do desenvolvimento da sociologia como ciência. *A sociologia numa era de revolução social* são ensaios que propõem abordar diversos problemas com que se defrontam os sociólogos brasileiros e latinoamericanos, desejosos de expandir a sociologia em nossa região e superar padrões de trabalho pré ou extra-científicos.

Logo após o golpe militar no Brasil (ainda em abril de 1964 e antes de ser preso em 11 de setembro do mesmo ano pelo regime opressor²⁸), Florestan defende sua última tese acadêmica, *A integração do negro na sociedade de classes*, apresentada no concurso de cátedra e que se tornaria clássica, sendo reconhecida no país e no exterior como um dos mais importantes trabalhos de sociologia moderna.²⁹ Neste, Florestan acompanha a desagregação do regime servil e a emergência da ordem social competitiva (capitalista), combinando análises sincrônica e diacrônica. (Fernandes, H., 2011, p.14-15). Nele buscou “esclarecer os dilemas materiais e morais não só da democratização das relações raciais, mas da própria sorte da democracia no país” (Fernandes, 1977, p.199), abrindo o caminho para explicar sociologicamente os protagonistas da revolução burguesa no Brasil, como ela se desencadeou e por que se fechou para a ampla maioria de nossa população. Os resultados teóricos de *A integração do negro na sociedade de classes*

28 A esse respeito ver: FERNANDES, Florestan. “A compressão reacionária”. In: FERNANDES, Florestan. *A questão da USP*. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp 88-107.

29 “Traduzido para o inglês, foi premiado nos EUA como melhor livro do ano sobre o racismo. Tornou-se referência em diversas universidades e também para lideranças do movimento negro estadunidense, que naquele momento travava a histórica luta pelos direitos civis. (...) este livro colocou em evidência a violência, o preconceito e a segregação contra os negros como elementos fundamentais na formação da sociedade brasileira. Florestan subverteu a visão contemplativa sobre a escravidão que havia a partir da “casa grande” em relação à “senzala”, uma visão que colocava em relevo a miscigenação como fator indutor da “democracia racial”. Ele contestou essa tese, colocou a questão racial na perspectiva do oprimido, a partir da “senzala” em relação à “casa grande” sem, contudo, mistificar a senzala. Junto com as comunidades negras segregadas, desenvolveu uma interpretação da realidade social do negro tomando como base a necessidade de uma segunda abolição. Pela primeira vez foi abordada, de forma sistematizada, sua tese sobre a revolução burguesa, inconclusa no Brasil, e o modo dramático e subalterno pelo qual os negros são integrados ao novo regime, após a abolição da escravatura. Esse trabalho revolucionou a Sociologia e passou a ser considerado um marco nos estudos sobre os afrodescendentes no Brasil. A partir dele, a visão predominante até a década de 1950 foi superada, rompeu os limites da universidade e abriu outras vertentes para abordagem das questões relativas à escravidão”. (Cerqueira, 2004, p.53-54).

foram muito importantes, inclusive porque eu descobri os papéis do fazendeiro e do imigrante na transformação de toda a economia e podia ligar esses papéis ao processo global da revolução burguesa no Brasil. (...) De um ângulo teórico (...) esse foi o trabalho que teve maiores consequências para mim, seja para conhecer o Brasil como sociedade nacional, seja para chegar à temática da sociologia do subdesenvolvimento e da dependência. (Fernandes, 1978, p.95-96).

Em 1968 publica o livro *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*, um trabalho que sintetiza a problemática do capitalismo dependente como fenômeno sociológico dinâmico, e fornece as premissas fundamentais não só para a compreensão da formação original da sociedade brasileira como também no que ela viria a se tornar.

Nele, Florestan desorganizou toda uma visão elitista e senhorial da sociedade e mostrou que a sociedade brasileira não era só de classes, mas de estamentos, classes e castas. Mostrou também que o subdesenvolvimento, nas sociedades capitalistas dependentes, não é apenas fruto de uma contingência ou uma condição transitória. (...) Nesse trabalho, os aspectos econômico, social, cultural e político foram alinhavados numa configuração singular. Nele são expostas as contradições que levaram o Brasil ao desenvolvimento problemático. A integração do negro na sociedade de classes e *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* são obras reconhecidas como um dos mais importantes conjuntos de análises contemporâneas para se interpretar a sociedade brasileira. (Cerqueira, 2004, p.61).

A essa altura Florestan, como ele próprio reconheceu, já deixara de estar “preso nas malhas da profissionalização do sociólogo”, malhas essas que faz com que o trabalho do sociólogo obedeça a uma “ética da ciência que foi construída no período liberal” (1978, p.61).

A Sociologia Crítica de Florestan

Em *Algumas referências teóricas sobre a obra*³⁰ de Florestan, Heloísa recorda o fato de que a obra mais volumosa de seu pai fora escrita e/ou publicada depois de 1969³¹, período em que publica, entre outros, *Capitalismo Dependente*

30 *Algumas referências teóricas sobre a obra* é a parte final da referida Apresentação. Florestan Fernandes, um sociólogo socialista, de Heloísa ao livro *Brasil: em compasso de espera*.

31 Até o ano de 1969 Florestan havia publicado 12 livros. Além dos 9 livros já citados (*A organização social dos tupinambás* (1949); *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1952); *Branco e Negro em São Paulo* (1953); *A etnologia e a sociologia no Brasil. Ensaio sobre aspectos da formação e desenvolvimento das ciências no Brasil* (1958); *Ensaio de sociologia geral e aplicada* (1960); *A sociologia numa era de revolução social* (1963); *A integração do negro na sociedade de classes* (1964); *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1967) e *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* (1968)), publicou até 1969 os seguintes outros títulos: *Mudanças sociais no Brasil* (1960); *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*

e *Classes Sociais na América Latina* (1973), trabalho o qual, segundo Florestan, “reflete uma perspectiva ideológica explicitamente socialista. Ela é intrínseca à minha posição intelectual como sociólogo. Tento falar, simultaneamente, como sociólogo e como socialista” (Fernandes, 1978, p.129); *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica* (1975), considerada por muitos como sua principal obra, é, segundo sua *Nota explicativa*, um resumo das “principais linhas da evolução do capitalismo e da sociedade de classes no Brasil”. Não se trata de uma obra de “Sociologia acadêmica”, mas “de um ensaio livre (...) que põe em primeiro plano as frustrações e as esperanças de um socialista militante”. (Fernandes, 2011, p.26); *Circuito fechado. Quatro ensaios sobre o “poder institucional”* (1976) é, na avaliação sintética da professora Maria Arminda do Nascimento Arruda³² (2010a, p.22), “em essência, uma densa reflexão sobre a

(1961); e *Educação e sociedade no Brasil* (1966). Depois de 1969, veio a publicar outras dezenas de livros: *The Latin American in residence lectures* (1969/70); *Elementos de sociologia teórica* (1970); *O negro no mundo dos brancos* (1972); *Comunidade e sociedade no Brasil. Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil* (org.). (1972); *Comunidade e sociedade. Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação* (org.). (1973); *Comunidade e sociedade* (org.). Tomos ainda inéditos; *Las classes sociales em América Latina* (em co-autoria com N. Poulantzas e A. Touraine) (1973); *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973); *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios* (1975); *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica* (1975); *A universidade brasileira: reforma ou revolução?* (1975); *Circuito fechado. Quatro ensaios sobre o “poder institucional”* (1977); *A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento* (1977); *A condição de sociólogo* (1978); *O folclore em questão* (1978); *Lenin* (1978); *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979); *Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”* (1979); *Brasil: em compasso de espera* (1980); *A natureza sociológica da sociologia* (1980); *Movimento socialista e partidos políticos* (1980); *Poder e contra-poder na América Latina* (1981); *O que é revolução?* (1981); *A ditadura em questão* (1982); *K. Marx – F. Engels: história* (1983); *A questão da USP* (1984); *Que tipo de República?* (1986); *Nova República?* (1986); *O Processo Constituinte* (1988); *A Constituição inacabada* (1989); *O desafio educacional* (1989); *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo* (1989); *O significado do protesto negro* (1989); *A transição prolongada* (1990); *As lições da eleição* (1990); *Depoimento* (1991); *O PT em movimento: contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores* (1991); *Reflexão sobre o socialismo e a auto-emancipação dos trabalhadores* (1991); *Parlamentarismo: contexto e perspectivas* (1992); *LDB: impasses e contradições* (1993); *Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual* (1994); *Consciência negra e transformação da realidade* (1994); *Tensões na educação* (1995); *Em busca do socialismo* (1995); e *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários* (1995). Cabe aqui registrar, ainda que brevemente, que alguns desses livros acima mencionados foram compilações de artigos e ensaios produzidos em temporalidades distintas, além de publicações de capítulos de livros serem publicadas mais de uma vez, a exemplo de capítulos publicados em língua estrangeira e que posteriormente vieram a ser traduzidos e publicados em outro de seus livros em português. Ainda, diversas publicações em formato de livro, sobretudo durante a segunda metade dos 1980, foram compilações de sua atividade publicista em jornais diversos.

32 Em *Uma Sociologia do desterro intelectual*, Maria A. N. Arruda prefacia (em 15 páginas) os *Quatro ensaios sobre o “poder institucional”*: *A sociedade escravista no Brasil; 25 anos depois: o negro na era atual; América Latina: hoje*; e *A universidade em uma sociedade em*

perda de lugar da *intelligentsia* na América Latina, a sua derrota, capitulação e o seu encerramento num circuito que se conclui. É um livro que não isenta os intelectuais da responsabilidade com os rumos assumidos pela atividade”; *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979), no entender de Candido, *Uma interpretação exemplar* da revolução cubana; *Brasil: em compasso de espera* (1980) é um conjunto de vinte e um ensaios e seis entrevistas elaborados ao longo de quatro décadas, onde a questão da democracia permanece no centro de sua interpretação; *Poder e contrapoder na América Latina* (1981) reúne três ensaios – *Notas sobre o fascismo na América Latina*; *Os movimentos de guerrilha contemporâneos e a ordem política na América Latina*; e *Reflexões sobre as “Revoluções Interrompidas” (uma rotação de perspectivas)* – os quais “têm em comum a problemática do poder, o poder que se organiza para constituir a ordem e defendê-la por todos os meios, e o poder minúsculo mas real, que tende a crescer, dos que se opõem à ordem revolucionariamente e querem transformá-la ou destruí-la” (Fernandes, 1981, p.11); *O que é Revolução?* (1981) é uma clara “tentativa de colocar em termos elementares as bases de uma reflexão política sobre a revolução proletária concebida como uma atividade coletiva do proletariado” (Fernandes, 2009, p.119); *Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual* (1994) são escritos que “sugerem os dilemas que se abatem sobre as nações pobres e periféricas para se emanciparem do controle externo imperialista e a luta para conquistarem o socialismo e mantê-lo” (Fernandes, 1994, p.17); *Em busca do socialismo* (1995a) é uma coletânea de 18 artigos publicados entre 1946 e 1991, versam sobre *A tradição revolucionária*, *As contradições do capitalismo dependente* e *A luta pelo socialismo*. Nestes e em outros trabalhos localizamos as ideias mais críticas de um intelectual que definitivamente não se deixou cooptar pelas 'minorias poderosas' e pelo 'espírito conservador', capaz de neutralizar os fracos e convertê-los em “pobres diabos”³³.

desenvolvimento. In: FERNANDES, Florestan. *Circuito fechado. Quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo : Globo, 2010b, p.09-23.

33 Florestan explica que “a cooptação (...) se dá através de vários canais, não só por meio da universidade. Há empregos que ainda são mais importantes que aqueles que se podem obter nas universidades. No entanto, a “carreira universitária” é um exemplo. Um professor que tenha um alto nível salarial, como sucede em algumas universidades no país, se identifica muito mais e com maior intensidade com o nível de vida de classe média, penetra a fundo na sociedade de consumo em massa e se condena fatalmente como intelectual. Ele fica uma peça da ordem, uma força



A tensão que brota da crise da civilização capitalista é que torna difícil a autonomia crítica do intelectual em geral e dos cientistas sociais em particular. A crise e à tensão existiu (e existe) justamente porque houve (e há) duas forças contrapostas que se puseram (e se põem) em luta constante. De um lado estão as forças que operam a partir da estrutura íntima da economia capitalista, da sociedade de classes e do Estado burguês, que ao longo de uma duração secular vem promovendo o desmoronamento da civilização ocidental. De outro estão às forças que nascem das alternativas socialistas, parcialmente internas e parcialmente externas a essa crise, e que constroem um novo padrão de civilização por meio da organização socialista da economia, da sociedade e da cultura.³⁴ A maior ou menor autonomia crítica do cientista social e do sociólogo está no comportamento do movimento socialista. Quanto mais fraco e ambíguo são os movimentos sociais de cunho socialista, tanto mais condenados a neutralizarem-se como agentes do pensamento crítico estão os sociólogos e cientistas sociais. Florestan dizia que só do socialista é que o sociólogo pode retirar uma autêntica vocação sociológica crítica, capaz de romper com o monolitismo cultural do pensamento conservador e uma visão do mundo intrinsecamente contrarrevolucionária, visão esta que exclui a ciência da política, mas que tende a unir o inconformismo intelectual às propensões revolucionárias das classes despossuídas. Só o socialismo é capaz de liberar a sociologia como ciência e como técnica social, potencializando-a para saturar funções estabilizadoras, decorrentes da transição ou da consolidação dos regimes socialistas, bem como para preencher funções revolucionárias nascidas das propensões de 'transformação do mundo' rumo ao comunismo. Somente em interação com a real transformação da ordem social burguesa é que a investigação sociológica pode almejar e alcançar uma dimensão política e prospectiva.³⁵

cultural da ordem e não pode gravitar pelos caminhos da rebelião e da contestação, nas quais acaba tendo muito a perder. Não há, pois, como compatibilizar um indivíduo que aceita tal nível de vida com os comprometimentos envolvidos em uma atividade intelectual crítica, independente e negadora. Inclusive, na melhor das hipóteses, sobra-lhe pouco tempo para a atividade intelectual propriamente dita. Ele pulveriza a vida intelectual comprimindo-a entre outras exigências, nascidas das atividades mundanas, do consumo conspícuo e dos fins de semana sedutores. Torna-se, enfim, um pobre diabo" (1978, p.164-5).

34 Fernandes, 1995a, p.159.

35 Fernandes, 1973, p.132; 1995a, p.161-2; 1980, p.109.

Dizia que o verdadeiro estudo sociológico não é e não pode ser neutro. A verdadeira *imaginação sociológica* só pode existir e florescer onde há plena compreensão crítica da ordem social existente e uma projeção responsável dos papéis intelectuais dos sociólogos nos processos de transformação revolucionária dessa ordem social. Os sociólogos não deveriam se omitir diante dos “grandes dilemas históricos”, diante da situação de mudança social revolucionária ou perpetuação e aprofundamento da barbárie sob o capitalismo.³⁶ Para manter a sociologia como uma influência ativa permanente diante dos dilemas históricos, os sociólogos precisam não só vencer as pressões que tentam destruí-lo em nome da “defesa da ordem” social burguesa, como também precisam encontrar uma harmonização construtiva entre “a militância política como e enquanto cientista” e “a militância política como ativista de um movimento político-social ou de um partido”. Ele próprio testemunhou não ser fácil harmonizar tais militâncias, não ser “fácil estabelecer-se conexões dialéticas entre a sociologia e a história viva dos homens”, isso mesmo para alguém que persistiu tenazmente em “enlaçar a sociologia, como ciência, ao socialismo, como movimento político revolucionário”.³⁷

Aos críticos (à esquerda) de que sua orientação crítica e militante pouco se evidencia em seus escritos durante os anos 1940-1960, respondeu:

Pediria a esses leitores que procurassem ler melhor o que escrevi e ver se, por trás de um aparente empírico-criticismo ou de um sociologismo 'experimentalista', não havia uma firme intenção que cresce aos poucos, na medida em que abria espaço para defrontar-me com as inibições de uma sociedade tão opressiva quanto a brasileira. Não pude ligar a minha condição de socialista com a minha condição de sociólogo. (...) O que importa, no caso, é a projeção de minha vontade e o elemento subjetivo intrínseco às intenções que transmitia, implícita ou explicitamente, pelas quais enquadrava a sociologia dentro de uma posição materialista especificamente engelsiana e a comprometia com o confronto com a sociedade (...) O amplo uso que fiz de Mannheim sugerem as fronteiras não declaradas de um inconformismo que incorporei à sociologia (e que, portanto, nunca foi externo àquilo que poderia designar como a *minha prática sociológica*). (...) Avancei até aonde podia e tentei cumprir o que me parecia o meu dever, sem fazer concessões à esquerda e à direita. E com esta travei o verdadeiro combate, embora nos limites melancólicos dentro dos quais alguém pode enfrentar o adversário dentro e através de uma rede institucional de poder, construída, mantida e dinamizada para neutralizar e destruir o pensamento crítico, com todas as suas irradiações diretas e indiretas sobre a atuação intelectual militante. (...) Ora, por mais débil ou menos visível que tenha sido, a minha socialização socialista me excluía a alternativa de manipular a 'neutralidade ética' como uma ponte de acomodação intelectual com o

36 Fernandes, 1995a, p.162-3; 1973, p.142.

37 Fernandes, 1973, p.156-7; 1980, p.15.

pensamento conservador e com os dinamismos repressivos (institucionalizados ou não) da sociedade brasileira. (...) À falta de um sólido movimento socialista revolucionário, somente o acúmulo de conhecimentos críticos, por parte dos cientistas sociais, poderia revelar que, na periferia do mundo capitalista, os ritmos da história não repetem a revolução burguesa 'clássica', de algumas nações da Europa e dos Estados Unidos. Por isso, demorei algum tempo para vencer certas limitações descritivas e interpretativas (na verdade entre o término de *A Integração do Negro à Sociedade de Classes* em 1964, e a redação da parte final de *A Revolução Burguesa no Brasil*, entre 1973 e 1974, ao todo dez anos), as quais podem ser facilmente identificadas nos ensaios coligidos em *A Sociologia numa Era de Revolução Social* e, principalmente, em *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Hesitações, oscilações, avanços parciais e insatisfatórios que sublinham uma coisa – o sociólogo não descobre a verdade 'pronta e acabada'. Ele tem de travar uma luta sem tréguas com a sociedade, para depurar sua condição humana e libertar a sua inteligência, pois a verdade, transmitida pelo código da ciência, é uma negação e uma superação do que parece ser a realidade. (...) Se existisse uma conexão mais íntima e frutífera entre o ofício de sociólogo e o movimento socialista é quase óbvio que eu lograria chegar mais depressa aos mesmos resultados (ou, quem sabe, a resultados ainda mais ricos e reveladores). No entanto, não devemos esquecer onde estamos e o que significa o tempo histórico da maior parte da América Latina, que oscila entre o capitalismo dependente e o subimperialismo. Uma interpretação sociológica que se propõe, sem ambiguidades, os problemas centrais da época, à luz dos fatos cruciais e da história em processo, não é algo de somenos, quaisquer que sejam os ziguezagues do pensamento para atingir esse limiar. (Florestan, 1977, p.140-142, 181, 199-200 e 205).

Florestan teve um curto envolvimento mais direto na ação socialista revolucionária. Se deu por meio de sua participação (a partir de 1943 até 1946/47) no movimento trotskista na luta subterrânea contra o Estado Novo. Sua principal tarefa foi nada menos do que introduzir e traduzir a *Contribuição à Crítica da Economia Política* de Marx. Isso foi marcante em sua evolução intelectual, na descoberta dos caminhos que o levariam à perspectiva sociológica que defende e à prática sociológica que se impôs. Ainda que comprometido muito mais como sociólogo do que como ativista político, essa tarefa o colocou diante do desafio em “identificar-se com os ideais socialistas de reforma e de revolução sociais”, ajudou-o “a vencer o forte intelectualismo abstrato” inerente à sua recente formação universitária, bem como a se localizar no interior do 'debate sociológico' num “sentido novo” (Fernandes, 1977, p.172-3). Nesse sentido novo, “o método dialético, com sua exigência de combinação entre teoria e prática, já teria sido aí assimilado por Florestan e incorporado a algumas dimensões de seu pensamento sociológico” (Costa, D. 2009, p.73). Nessa evolução intelectual, além de *Marx e o Pensamento Sociológico Moderno* (1946), são também dignos de nota os seguintes outros trabalhos sociológicos: *As soluções fundamentais dos Problemas de Indução na Sociologia* (1954);

Elementos de sociologia teórica (1970); *Sociologia, modernização autônoma e revolução social* (1973); *A sociologia numa Era de Revolução Social* (numa nova versão reorganizada e ampliada, publicada em 1976); *A sociologia no Brasil* (1977); e *A natureza sociológica da sociologia* (1980). Em *Os Problemas da Indução na Sociologia*, Florestan inicialmente apresenta os *caracteres e implicações da descrição sociológica dos fenômenos sociais* e as *condições e fundamentos da indução sociológica*, para então descrever e analisar suas soluções a partir dos clássicos da sociologia (Durkheim, Weber e Marx) e os *processos de inferência indutivo* (em termos qualitativos e quantitativos). Ele confronta a herança metodológica de Marx com as tradições da sociologia clássica derivadas de Durkheim e Weber. Os *Elementos de sociologia teórica* apresenta inicialmente uma discussão do que é a sociologia, seguida de um “esboço de um quadro de referência geral”. Já os seus últimos cinco capítulos tece orientações teóricas variadas no estudo da sociedade. Em *Sociologia, modernização autônoma e revolução social*, busca projetar a sociologia num amplo quadro histórico para fins de não apenas compreender a realidade, também “transformá-la” e “superá-la” (1973, p.126), mesmo ciente de que “a opção política do sociólogo não cria a realidade política correspondente” (p.154), mas “a Sociologia ganha muito com o envolvimento político do sociólogo” (p.155). Nesse artigo, escrito em abril de 1970 e publicado posteriormente, ele analisa “os requisitos da explicação sociológica quando esta se identifica com rupturas e transições que transcendem e negam a ordem existente”; bem como “as relações da Sociologia com a modernização controlada e orientada por forças internas autônomas e revolucionárias” (p.126); e, por fim, “em que sentido a Sociologia constitui uma matriz intelectual de conhecimentos potencialmente revolucionários” (idem). Na versão de 1976 de *A sociologia numa Era de Revolução Social*, o que se alterou em seu modo de ver a sociologia, não exigiu-lhe o esforço de “uma tentativa honesta de auto-explicação e de autocrítica” (p.11), pois “os esforços [ali] despendidos foram bem empregados e as ilusões que eles envolviam, “realistas” (algumas) ou “românticas” (outras), são inevitáveis, quando se quer fazer algo partindo-se do ponto zero” (p.09). O que importa aqui sublinhar é que Florestan, seja em 1967 ou em 1976, “vinculava à sua dupla condição de sociólogo e de socialista uma ampla visão dos problemas



teóricos, empíricos e práticos da sociologia como ciência”, já que “a sociologia não valeria uma missa se não fosse possível associar a pesquisa sociológica à revolução democrática” (idem). Na verdade, essa vinculação é tanto anterior como posterior as referidas datas.

O livro *A sociologia no Brasil* trata em sua parte inicial do desenvolvimento histórico do pensamento sociológico no Brasil.³⁸ Aborda tanto “uma sociologia científica enquadrada institucionalmente pela ordem social existente, quanto de outra, que rompe essas barreiras para colocar a investigação sociológica na órbita da negação e da desagregação dessa ordem” (1977, p.07). Nele, Florestan reconhece ter vivido esses “dois tempos históricos” “com intensidade diferente, mas com a mesma paixão pela “descoberta da verdade” e com o mesmo ardor intelectual” (idem). E em um de seus capítulos (*Sociologia e Socialismo*), contrariando os corifeus postulantes de uma pretendida “neutralidade científica”, defendeu ser “impossível (e também indesejável e improdutivo) separar a investigação sociológica do movimento socialista, isolando a sociologia do socialismo”, ainda que se possa “ser sociólogo sem ser, ao mesmo tempo, socialista; e, reciprocamente, o movimento socialista pode passar fora e acima da investigação sociológica institucionalizada”. Em sua condição de sociólogo socialista *em busca de uma sociologia crítica e militante*, a realidade lhe impunha que a investigação sociológica e o movimento socialista avançassem juntas, “influenciando-se de maneira permanente, profunda e fecunda”. (ibidem, p.254).

No ensaio *Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira*³⁹, Octavio Ianni (o mais legítimo discípulo de Florestan) argumenta que “a sociologia de Florestan inaugura um novo estilo de pensar a realidade social”, e sua obra sociológica “entra de modo decisivo na construção da sociologia brasileira” (2004, p.15). Como representante da “terceira geração da sociologia brasileira”, ao lado de L.A. Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe e tantos

38 Otávio Ianni se encarregou de dar continuidade a este primeiro balanço crítico na produção sociológica brasileira em *Sociologia e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975; e em *Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro*. 3º edição revista e aumentada. São Paulo: Editora Ática, 1989.

39 Este ensaio fora apresentado na já referida “Jornadas de Estudos Florestan Fernandes” na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, em Marília, 1986. Em 2004 foi publicada pela Expressão Popular na forma de apresentação ao livro *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*, conjuntamente com o citado breve texto de Vladimir Saccheta, *De Vicente a Florestan, sempre ao lado do povo*, e outros nove textos completos para que “o leitor adquira uma primeira visão de conjunto da obra” de Florestan, selecionados por Ianni.

outros, Florestan combinava de modo variado às contribuições de sociólogo clássicos e modernos, como Comte, Spenser, Durkheim, Weber, Sombart, Tönnies, Mannheim, Merton entre outros. Na verdade, ao desenvolver o conteúdo crítico da sociologia clássica e moderna em seus escritos teóricos e históricos, ele foi mesmo além de uma mera combinação eclética de tais contribuições. Para Ianni “Florestan Fernandes é o fundador da sociologia crítica no Brasil”⁴⁰ (idem, p.28). Crítica pelo estilo de reflexão questionadora do real e do pensado, presente em sua vasta produção intelectual em que aos poucos emergem as linhas essenciais de uma história carregada de diversidades, disparidades, desigualdades e antagonismos.

Ianni identifica cinco principais fontes que em conjunto sintetizam as matrizes da “sociologia crítica” fundada por Florestan: o diálogo contínuo, aberto e crítico com representantes da sociologia clássica e moderna; o diálogo contínuo e crescente com a perspectiva da crítica da economia política de Marx e Engels e da tradição marxista, de Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Kaustky, Gramsci etc.; o diálogo, explícito ou implícito, com representantes da corrente mais crítica do pensamento brasileiro, a exemplo de Euclides da Cunha, Lima Barreto, Manuel Bomfim, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Caio Prado Júnior etc.; as influências externas e as próprias transformações internas na sociedade brasileira em termos de urbanização, industrialização, migrações internas, a emergência de

40 “Toda sua produção intelectual está impregnada de um estilo de reflexão que questiona a realidade social e o pensamento. As suas contribuições sobre as relações raciais entre brancos e negros, por exemplo, estão atravessadas pelo empenho em interrogar a dinâmica da realidade social, desvendar as tendências desta e ao mesmo tempo, discutir as interpretações prevaletentes. No mesmo sentido, as suas reflexões sobre os problemas de indução na sociologia avaliam cada uma e todas as teorias, os métodos e as técnicas de pesquisa e explicação, da mesma maneira que oferecem novas contribuições para o conhecimento das condições lógicas e históricas de reconstrução da realidade. Essa perspectiva está presente nas monografias e ensaios sobre o problema indígena, escravatura e abolição, educação e sociedade, folclore e cultura, revolução burguesa, revolução socialista e outros temas da história brasileira e latino-americana. O mesmo se pode dizer dos seus trabalhos sobre a teoria sociológica. A perspectiva crítica está presente em toda a sua produção intelectual, incluindo obviamente o ensino, a conferência, o debate público. Questiona o real e o pensado, tanto os pontos de vista dos membros dos grupos e classes compreendidos na pesquisa, quanto as interpretações elaboradas sobre eles. Assim, alcança sempre algo novo, outro patamar, horizonte. Vai além do que está dado como estabelecido, explicado. Ao submeter o real e o pensado à reflexão crítica, descortina as diversidades, desigualdades e antagonismos, apanhando as diferentes perspectivas dos grupos e classes compreendidos pela situação. Nesse percurso, resgata o movimento do real e do pensado a partir dos grupos e classes que compõem a maioria do povo. São índios, negros e imigrantes, escravos e livres, trabalhadores da cidade e do campo que reaparecem no movimento da história. As mais notáveis propostas teóricas da sociologia são avaliadas, questionadas e recriadas, tendo em conta a compreensão das suas contribuições para apanhar os andamentos da realidade social”. (Ianni, 2004, p.28-29).

movimentos sociais e partidos políticos, governos e regimes, responsáveis pela criação e recriação de desafios práticos e teóricos; e, por fim, a perspectiva crítica constituída pela reflexão sobre a realidade e a história a partir da presença de grupos e classes sociais que compõem a maioria do povo.⁴¹

Em certo momento Florestan revelara que “há tempo namora a idéia de fazer uma autêntica análise sociológica da sociologia e de uma perspectiva que vá além da chamada “sociologia crítica”” (1980, p.09). Foi em *A natureza sociológica da sociologia* que cumpriu esta tarefa – considero esta a sua obra sociológica mais madura e com a qual mais se identificou como sociólogo socialista e comunista. O que havia de íntimo e encubado no jovem aprendiz de sociólogo aflora com todo o seu vigor. Ele inicialmente se atem *A herança intelectual da sociologia clássica e o seu destino*. Avalia que no processo histórico, o movimento burguês deixou de ser vivo e criativo, e as promessas utópicas de uma *intelligentsia* sociológica desapareceram. A responsabilidade intelectual severa dos grandes sociólogos clássicos fora substituída por uma “neutralidade ética”. “M. Weber e K. Mannheim não estão no ponto de partida de um *renascimento* e de uma *renovação*. Eles encerram, cada um a seu modo, mas ambos de forma melancólica, as potencialidades criadoras de uma sociologia da ordem vinculada com a história e com a inquietação intelectual” (1980, p.43). A recomposição da “sociologia como ciência” e a exploração das perspectivas de unificação teórica ou prática que tal herança clássica deixou em aberto, ainda parecem aguardar o advento de uma civilização na qual os sociólogos deixarão de serem eternos “servos do poder”. Uma vez ultrapassada a visão institucional da formação e da evolução da sociologia, Florestan passa a ressaltar a fecundidade da herança da *sociologia clássica de contestação da ordem burguesa*, sobretudo do excepcional legado da *sociologia marxista*, que se explica pela aplicação rigorosa do *materialismo dialético* à investigação sociológica do caráter antagônico da sociedade capitalista – foi por sua irreduzível *posição negadora e revolucionária* que a sociologia marxista foi capaz de se ligar tanto à *sociologia clássica* quanto à *sociologia moderna* e assim manter acessa as *promessas da verdadeira imaginação sociológica*. E também passa a destacar a

41 A essas cinco fontes, Ianni ainda ressalva que se poderiam acrescentar outras fontes, como “a militância política, a reflexão sobre a responsabilidade ética e política do sociólogo, o convívio com o pensamento latinoamericano” (2004, p.39) etc.

fecundidade da herança da sociologia clássica de contestação da ordem burguesa e o legado excepcional da sociologia marxista. Ele enfatiza as potencialidades do socialismo (sobretudo do *socialismo científico*) que pela *luta de classes*, pela *ocupação e conquista do poder*, pode transformar a sociedade burguesa e criar uma *sociedade nova*, uma *civilização sem barbárie*. Isso requer grandes compromissos das classes trabalhadoras e das ciências em geral contestadoras da ordem existente (incluindo às ciências sociais e a sociologia), bem como das mais diversas organizações culturais, sindicatos, partidos políticos, enfim todos plenamente comprometidos com o socialismo. Tal transformação e criação implicam em deslocar as classes dominantes; acabar com o seu monopólio de saber e de poder; libertar os trabalhadores e todos os “de baixo” da alienação coletiva que há muito estão submetidos; eliminar as desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas; dissociar a civilização da violência, da desigualdade social, da exploração econômica, sexual... em suma, destruir a sociedade de classes e aniquilar o capitalismo, e irradiar o socialismo e numa etapa mais distante o comunismo.

O Sociólogo Socialista

*O jovem Florestan*⁴², nos diz Candido, “foi deslizando dos estudos de corte mais acadêmico para os que requerem um posicionamento político por parte do estudioso consciente”. Era o momento em que ele começava a atuar como o “sociólogo que conseguiria modificar a natureza da Sociologia no Brasil (...) efetuando a operação difícil de combinar rigor científico e visão política, de maneira a tornar a Sociologia, não apenas instrumento de compreensão da realidade, mas contribuição teórica à transformação da sociedade” (2001, p.46). A partir de seus trabalhos sobre o negro, “começava a ser o definitivo, isto é, o marxista aberto e pessoal, que integrou na sua fórmula de maneira coerente o ensinamento de outras teorias” (idem, p.56). Àquele que passou a privilegiar cada vez mais o marxismo nas suas concepções teóricas, e que se tornou um “marxista aberto e compreensivo”, enriquecido pela experiência de outras teorias, aberto

42 “Texto lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes, promovida pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 5 de outubro de 1995” (Candido, 2001, p.41).

para as lições da realidade objetivamente observada, despido do sectarismo teórico e de quaisquer imposições mecanicistas, e do dogmatismo e unilateralismo predominantes nos marxistas de sua geração.⁴³

A leitura de Marx e da tradição marxista foi algo precoce na vida de Florestan⁴⁴, o que não significa uma “filiação exclusiva à interpretação marxiana”, ao menos durante o período de sua formação. Aos 26 anos traduziu *Contribuição à crítica da economia política* e apresentou uma notável análise deste trabalho sob a forma de uma *Introdução*⁴⁵. Candido conta que o *Florestan Fernandes marxista*⁴⁶ “chegou ao marxismo no curso de um processo intelectual complexo, que não anulou, mas incorporou outras linhas teóricas” (2001, p.59), como prova os seus estudos concomitantes de Marx, do positivismo sociológico francês e do funcionalismo anglo-americano nos anos 1940.⁴⁷ A partir dos anos 1950 o eixo

43 Ver Candido, 2001, p.36-40; 47-51 e 52-58. Vejam também os demais textos, todos de sua autoria: *Um grande homem*, um discurso em que Cândido presta homenagem a Florestan na Universidade de São Paulo em 23 de junho de 1994; o texto *Florestan Fernandes: estudante e estudioso*, “lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes promovida pela Escola de Sociologia e Política, em 10 de outubro de 1995”; *Um instaurador*, “texto lido (na ausência do autor por motivo de doença) na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes na reunião anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), Caxambu (MG), em 18 de outubro de 1995”.

44 Florestan conta que foi através de Mário Piana (imigrante italiano recém-chegado ao Brasil) que teve “a primeira oportunidade de discutir a sério o socialismo e a sociedade brasileira” (1977, p.151). Isso certamente foi antes de seu ingresso na FFCL/USP, quando ainda estudava no Madureza e trabalhava na Novoterápica. Relembra ao ingressar na Faculdade de Filosofia que “o meu vago socialismo levou-me a pensar que poderia conciliar as duas coisas, a necessidade de ter uma profissão e o anseio reformista de ‘modificar a sociedade’, cuja natureza eu não conhecia bem, mas me impulsionava na escolha das alternativas” (idem, p.154).

45 Tal *Introdução* fora publicada numa versão resumida inicialmente pela Editora Flama no ano de 1946. A versão mais completa dessa *Introdução* foi posteriormente (em 1959) publicada no livro de sua autoria *Ensaio de sociologia geral e aplicada*, sob o título *Marx e o pensamento sociológico moderno*. Uma versão um pouco mais resumida (em relação a esta última) fora também publicada pela editora Xamã no livro *Em busca do socialismo* (1995), sob o título *Introdução a Contribuição à Crítica da Economia Política*.

46 “Texto lido na sessão de homenagem à memória de Florestan Fernandes, em 10 de novembro de 1995, no Simpósio realizado na Universidade de São Paulo em comemoração do centenário de morte de Friedrich Engels” (Candido, 2001, p.59).

47 No livro *A condição de sociólogo*, Florestan deu seu próprio testemunho sobre as diversas influências teóricas que acumulou, e de como conduziu-as enquanto professor na USP. Selecionamos a seguir algumas passagens marcantes desta entrevista a este respeito: “... ao tentar combinar influências teóricas que vinham dos Estados Unidos e da Europa e concentrar a reflexão crítica em Marx, Durkheim e Weber, estava fazendo algo de muito sentido para a formação dos sociólogos brasileiros. (...) O estudo que fiz de Marx e Engels levou-me à conclusão de que não podia fundir pensamentos que são opostos. Seria muito mais fecundo procurar a razão de ser de sua diferença específica. Eu começava a enfrentar, assim, a questão de saber qual é a contribuição teórica específica de Durkheim, de Marx, de Max Weber etc. E por aí, tentei descobrir as respostas que me iriam conduzir, mais tarde, à identificação dos modelos de explicação sociológica, seus fundamentos lógicos e empíricos, suas consequências para a divisão dos campos fundamentais da sociologia etc. (...) na USP sempre me ajustei aos papéis de professor, acima de tudo, como

de seu trabalho passou a ser, como ele mesmo diz, “a ampla influência de Marx”. Ainda assim, muitos consideram que foi tardia a adesão mais explícita de Florestan ao marxismo, mais nítida sobretudo a partir da década de 1970. Candido avalia que

Florestan Fernandes pode (...) ser considerado um marxista de formação lenta e compósita, mas muito pessoal. O seu grande feito sob este aspecto consistiu em fundir harmoniosamente o rigor da sociologia acadêmica com a perspectiva política. Quando chegou a isto, estava pronto o Florestan Fernandes maduro, o Florestan Fernandes que instituiu no Brasil um novo tipo de sociologia, transformando a sociologia científica neutra em sociologia participante, sem perder nada do rigor metodológico e da objetividade na investigação. (Candido, 2001, p.60).

A pesquisa sobre o negro desatou em Florestan o postulado marxista fundamental de *ligação necessária entre teoria e prática*. Foi a partir daí que começou a tomar corpo na sua mente e na sua ação uma “sociologia crítica e militante”, que o leva não apenas a estudar sistematicamente a realidade, mas também a preparar os instrumentos teóricos adequados à sua transformação em profundidade (idem, p.51). Florestan foi segundo Candido *Um militante incansável*⁴⁸, que apesar de desligado de qualquer partido político durante a maior parte de sua vida, revelou-se “um grande militante, em pleno processo de juntar as águas do marxismo com as da Sociologia acadêmica”, esboçando o que viria a ser a partir dos anos 1960, “uma grande figura de militante solidário, de homem que pode ter atuação equivalente aos que se enquadram num partido” (ibidem, p.31).

A *Militância Política*⁴⁹ de Florestan não começou na Universidade. Não atuou no grêmio da Faculdade de Filosofia, pois ali os seus “líderes” recebiam certas vantagens e privilégios, o que definitivamente não combinava com sua ética e posições políticas. Sua militância inicia-se numa organização clandestina,

professor eclético, dando naturalmente igual importância às diferentes correntes da sociologia sem privilegiar o marxismo. Também, nunca procurei ser um marxista dogmático e rígido. Isso simplificava meu ajustamento intermediário e me dava certa força para 'remar contra a corrente'. (...) Graças ao estudo do marxismo, ao qual eu podia aplicar as técnicas que aprendera na Universidade, me colocava o problema do que deveria ser a sociologia e sua relação com outras ciências de uma perspectiva que era relativamente diferente daquela que se poderia ter dentro do ensino acadêmico”. (FERNANDES, 1978, p.79, 15, 157 e 14-15).

48 *Um militante incansável* compõe o apêndice do livro *Florestan Fernandes*, de Candido. Fora anteriormente publicado em MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Centro Universitário Maria Antonia/USP e Boitempo, 1998.

49 *A Militância Política* é um dos oito subitens que compõe o segundo capítulo *Construir a sociologia científica e interpretar o Brasil*, do livro *Florestan Fernandes: vida e obra* de Cerqueira.

fora da faculdade. Florestan foi convidado por Hermínio Sacchetta a integrar, como vimos, a corrente trotskista e a se engajar no movimento subterrâneo contra o Estado Novo, militando no Partido Socialista Revolucionário (PSR).⁵⁰ Colaborou decisivamente na elaboração do “Anteprojeto Técnico Eleitoral” – documento da Coligação Democrática Radical, organização de frente ampla, originária do PSR – que criticava o Estado Novo e apresentava reivindicações⁵¹ do movimento para as eleições presidenciais e parlamentares à Constituinte de 1946. Apesar do apoio que recebeu de intelectuais, políticos e sindicalistas de esquerda da época, a organização teve vida curta e não conseguiu erguer-se como alternativa ao Partido Comunista⁵².

50 Hermínio Sacchetta foi jornalista e ativo militante da seção da IV Internacional oriunda do Partido Comunista Brasileiro. Sacchetta fora secretário do PCB em São Paulo, mas rompeu com o comitê central do partido por discordar de suas posições em relação às eleições de 1938, frustradas pelo golpe do Estado Novo. Aderiu ao trotskismo após um período na prisão. (Cerqueira, 2004, p.42). Seu filho, Vladimir Sacchetta, nos conta que após contato com seu pai, Florestan passou a frequentar e colaborar com a *Folha da Manhã* e logo aderiu a militância do PSR. “Na pequena e clandestina organização trotskita abriram-se outros horizontes, novas responsabilidades e esperanças. Se num primeiro momento a ditadura de Getúlio Vargas impunha-se como alvo imediato, a revolução proletária começava a se delinear como um objetivo essencial e permanente para o jovem Florestan” (Sacchetta, 2004, p.10).

51 Cerqueira reproduz um trecho desse documento que vale a pena aqui expô-lo, uma vez que parte de suas reivindicações (que data de 1946) nos planos político, econômico e social ainda hoje (2020) não foram alcançadas no Brasil. Eis o referido trecho: “No plano político: eleições diretas em todos os níveis com voto secreto; liberdade de agremiação, reunião e imprensa livre; liberdade sindical e direito de greve; igualdade de direitos políticos para ambos os sexos; liberdade de consciência e de culto; separação do Estado da Igreja; ensino leigo; liberdade de cátedra e de pesquisa; sistema unicameral de representantes do povo; transferência do comando supremo das forças armadas do Poder Executivo para o Poder Legislativo; abolição dos tratados secretos. No plano econômico: estatização dos bancos e companhias concessionárias de serviços públicos; abolição dos trustes, monopólios e cartéis de qualquer espécie; proteção ao pequeno e médio produtor; partilha da terra nas regiões mais atrasadas com fornecimento pelo governo, aos produtores, dos instrumentos de trabalho; abolição dos impostos indiretos e revisão democrática do imposto sobre a renda. No plano social: aperfeiçoamento da legislação trabalhista, com a revogação da parte de direito corporativo e permissão para os sindicatos livres exercerem a fiscalização; extensão da legislação do trabalho ao campo; seguro contra o desemprego; instituto da universalização da previdência social; ensino primário obrigatório e gratuito até os 14 anos. Escolas no número necessário para absorver, em todo território da República, os menores proibidos, por lei, de trabalhar; vinte e cinco por cento, no mínimo, de todas as rendas públicas para o ensino; remuneração condigna para os professores, com adicionais nos rincões longínquos; Plano Nacional de Educação e Conselhos Estaduais de Mestres; ensino gratuito, nos níveis mais altos, para os filhos de pais que não paguem impostos sobre a renda; bolsas de estudo para estudantes carentes; admissão dos autodidatas à Universidade; instituição do divórcio; instituição do combate às grandes endemias; garantia da alimentação às populações em dificuldades de prover o seu sustento” (2004, p.43-44).

52 A aproximação e o afastamento de Florestan ao Partido Comunista foi assim narrado por Cerqueira: “Florestan havia se aproximado do Partido Comunista, mas percebeu que o espaço político era restritivo para um intelectual questionador como ele. Também não concordava com as alianças e com a posição adotada naquela conjuntura política do país, que desestimulavam um jovem radical como ele a permanecer na organização. Por outro lado, os trotskistas possibilitavam

Não foi fácil conciliar o exercício da militância política com a atividade acadêmica. O próprio Florestan chegou a tecer o seguinte comentário a esse respeito: “uma atividade militante intensa é incompatível com a vida acadêmica: ela pode ser posta em prática de modo transitório, em dados momentos. Apesar de tudo, a situação é produtiva para o cientista social” (1978, p.68). O momento em que mais se dedicou à militância foi durante o início e o final de sua carreira. A dedicação intensa à vida acadêmica predominou no meio, sem que se afastasse da política, sem perder o olhar atento sobre os fatos, acompanhando e participando dos movimentos em certas ocasiões. Foi assim entre os anos de 1960 e 1961 na Campanha Nacional de Defesa pela Escola Pública e nos debates sobre as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira⁵³. “Ali eu vivia praticamente os papéis intelectuais do sociólogo-militante” (idem, p.62). Também durante o seu envolvimento posterior nas agitações em prol das reformas de base (com a reforma universitária⁵⁴, reforma agrária etc.), na luta pela implantação de um regime político democrático ou mesmo através da ação política direta como parlamentar.

Em 1965 já muito visado pela ditadura que se instaurara no ano anterior, Florestan aceita o conselho de amigos para se afastar e embarca para os Estados Unidos, onde passa a lecionar na Universidade de Colúmbia. Em 1966 retorna ao Brasil e participa de forma ativa na luta contra a ditadura, incitando a população civil a assumir a luta de resistência, se preciso “recorrendo às armas”, como chegou a defender na época em entrevista à grande imprensa. Mas logo os defensores da democracia acabaram sendo derrotados, e a vitoriosa ditadura assumiu a sua face mais repressiva. Em abril de 1969 Florestan é aposentado compulsoriamente pela ditadura. Nesse mesmo ano escolhe o exílio e aceita o convite para lecionar na Universidade de Toronto onde permanece por três anos. Lá utiliza seu tempo livre para estudar as revoluções socialistas na Rússia, na China e em Cuba.⁵⁵

debates mais apropriados para aquele momento. Eram mais atraentes e não tinham alianças com nenhum setor comprometido com as forças de sustentação da ditadura Vargas” (2004, p.42).

53 A esse respeito ver o artigo *Florestan Fernandes e o marxismo: o Brasil em perspectiva socialista*, de Diogo V. A. Costa. In: CADERNOS DE ESTUDOS ENFF. *O legado de Florestan Fernandes*. Guararema: 2009, p.69-89.

54 Ver FERNANDES, Florestan. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* SP : Editora Alfa-Ômega, 1975.

55 Ver FERNANDES, Heloísa, 2011, p.15-17.

Será a partir de então que passa a se declarar explicitamente como um sociólogo marxista, e que irá dedicar-se ao estudo sistemático da teoria revolucionária e do tipo de capitalismo dependente surgido na América Latina, tudo com o fito de construção de uma teoria revolucionária adequada as condições concretas do Brasil e de *nuestra América*.⁵⁶ O faz por meio de cuidadosa leitura das obras clássicas de Marx, e Engels, bem como da vasta tradição marxista, Kautsky, Lenin⁵⁷, Rosa Luxemburgo, Bukharin, Hilferding, Trotsky, Lukács, Gramsci, Althusser, Poulantzas, Mao Tse-tung, José Martí, Mariátegui, Frantz Fanon, Ho Chi Minh entre outros. De volta ao Brasil (ele retornara do Canadá no ano de 1972), o socialista e o sociólogo aparecem fundidos buscando “enlaçar a sociologia, como ciência, ao socialismo, como movimento político revolucionário (nas várias gradações: da revolução dentro da ordem e da revolução contra a ordem; alternativas históricas que não dependem da vontade pessoal – eu prefiro a última, a ela dei minha adesão definitiva)” (Fernandes, 1980, p.15). Para Florestan, *O significado das ciências sociais no mundo moderno*⁵⁸ está na preparação do homem para proceder a escolhas compatíveis com seus interesses e com os valores os quais de fato se identifique. Considerando os extremos, há muito já avaliava que ou nos atentamos para a “lógica da dominação” ou cuidamos da “lógica da revolução”. Em vista de sua longa experiência como sociólogo, acreditava que a sociologia como forma de pensamento, de conhecimento da realidade e de inspiração prática não valia a pena sob qualquer modalidade de “neutralização”. Por isso mesmo é que não concebeu alienar-se dos outros e da vida, neutralizar-se como sociólogo, anulando as ligações dinâmicas da sociologia com o próprio fluxo histórico de reconstrução da civilização em crise.⁵⁹

Sobre a contribuição de Florestan à sociologia brasileira, Candido

56 Idem

57 O estudo de Lenin deu fruto ao volume de nº5 da Coleção Grande Cientistas Sociais, coordenada (e neste caso também organizada) por Florestan. Apesar de ter sido publicada apenas em 1978, a introdução e seleção de textos de Lenin fora concluída em 1973. Mais recentemente, esta introdução, juntamente com a introdução que Florestan preparou para o volume duplo Marx-Engels (nº 36) fora republicada em 2012 no livro *Marx, Engels e Lenin: a história em processo* pela Editora Expressão Popular. Nele “Florestan nos brinda mesmo é com sua concepção madura do marxismo”, diz José Paulo Netto em Nota prévia a esta edição da Expressão Popular.

58 *O significado das ciências sociais no mundo moderno* é um dos catorze *Ensaio de sociologia geral e aplicada*, livro publicado no ano de 1959 pela Livraria Pioneira Editora.

59 Fernandes, 1959, p.300; 1980, p.30; 1973, p.124.

testemunhou em *A condição de sociólogo*⁶⁰ que “ele foi o fulcro, o pivô à cuja volta girou toda a evolução da sociologia brasileira (...) foi ele quem desenvolveu e consolidou o espírito e a organização científica, como condição *sine qua* para a qualificação de um sociólogo”⁶¹ (2001, p.12-13). Como sociólogo, Florestan deu o seguinte depoimento (concedido em 1975):

Como intelectual aproveitei muito e, principalmente, descobri que a sociologia precisa responder às expectativas que não devem nascer dos donos do poder, mas sim de critérios racionais de reforma, que levam em conta as necessidades da Nação como um todo, ou das pressões históricas de grupos inconformistas. (...) Os que me conhecem sabem que, apesar de todas as transformações que ocorreram na minha vida, procuro manter a mesma posição diante dos problemas básicos da vida brasileira e dos papéis intelectuais do sociólogo no mundo em que nós vivemos. Fui pouco suscetível às modas. (Fernandes, 1978, p. 61 e 157-8).

Como socialista revelou nesta mesma entrevista:

Eu já era socialista antes de começar a lecionar na Faculdade de Filosofia e, inclusive, tive alguma militância em movimentos de esquerda como socialista. (...) Como socialista não acreditava naquilo [colaboração com a burguesia nacional], mas se me negasse a aceitar os debates reformistas ficaria condenado ao silêncio. (...) O que aconteceu comigo, em termos de evolução intelectual, não é tanto uma passagem de um socialismo menos consequente para um socialismo mais consequente. Nesse nível, a sociedade brasileira não foi de muito proveito para mim. O movimento socialista no país nunca foi tão organizado ou tão forte a ponto de dar amparo intelectual ao meu trabalho. (idem, p.153, 155 e 152).

E como sociólogo socialista desabafa:

Fiquei como uma pessoa dividida ao meio, entre o sociólogo e o socialista. (...) devo dizer que me sinto muito insatisfeito pelo fato de que não consegui superpor os dois papéis que gostaria de preencher. Eu gostaria de ser um cientista social ao mesmo tempo vinculado com a universidade e com o socialismo. Todas as tentativas que fiz para combinar as duas coisas falharam. E falharam porque não existe movimento socialista bastante forte na sociedade brasileira que sirva de substrato e de apoio para os intelectuais que tenham uma posição socialista. (ibidem, p.79 e 77).

Pela longa *Amizade com Florestan*⁶² Candido pode distinguir três momentos em sua carreira:

O Florestan dos anos 40 é o da construção do saber, que ao construir o seu constrói a possibilidade de saber dos outros. O Florestan dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo, porque, tendo já os instrumentos na mão, se dedica a aplicá-los para compreender os problemas do

60 O fez no o prefácio ao livro *A condição de sociólogo*.

61 Florestan figura entre os mais destacados sociólogos latino-americanos. Em 2005 o seu nome foi indicado para *patrono da sociologia no Brasil*.

62 Trata-se de um depoimento dado por Candido em homenagem a Florestan, em 22 de maio de 1986, durante a primeira Jornada de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), no Campus de Marília. Tal depoimento foi transcrito e “carrega” esse título *Amizade com Florestan*, depois reproduzido no texto *Florestan Fernandes*.

mundo. O terceiro momento é o do Florestan que, tendo aplicado o saber à compreensão do mundo, o transforma numa arma de combate. Naturalmente as três etapas estão misturadas, pois sempre houve a terceira na primeira e a primeira na terceira. Estou me referindo às predominâncias. (...) na fase inicial dos anos 40 o seu foco de interesse foi sobretudo o índio, no caso os extintos tupinambá, cuja organização social descreveu e interpretou, contra a afirmação generalizada de que os documentos disponíveis não permitiam conhecê-la de modo sistemático. Já a tarefa decisiva dos anos 50 se ordenou em torno do negro, pois naquela altura ele aceitou participar com Roger Bastide na direção de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre as relações raciais entre brancos e negros em São Paulo. Aí começou o cruzamento das duas linhas: o sociólogo de grande formação teórica e o intelectual de grande consciência política (...). [Já a partir dos] anos 60 Florestan chega ao que eu chamaria os seus limites naturais: o sociólogo, o pensador e o militante unidos num só tipo de atividade, vai agora se configurar como cientista cujo ato de construção intelectual já é um ato político. Por isso os seus temas mudam significativamente. O que estuda agora são as classes sociais, o problema da burguesia, os conflitos do subdesenvolvimento, o Brasil na América Latina, a Revolução Cubana. Isto quer dizer que ele transformou Sociologia em militância, a partir do momento em que os dois caminhos paralelos que mencionei se fundiram numa personalidade intelectual harmoniosa. (Candido, 2001, p.28-32).

Vladimir Sacchetta acrescenta um quarto momento, “que se resume na radicalização plena de Florestan. É quando o cientista social, educador e pensador assume a identidade de tribuno e publicista” (2004, p.11).

O Intelectual, Publicista e Parlamentar

No início dos anos 1980, momento em que a oposição à ditadura avança e ocorre certa liberalização do regime, Florestan retoma algumas atividades públicas (tais como palestras e cursos de pós-graduação na PUC de São Paulo) e passa a dedicar-se a sua vocação intelectual de publicista na grande imprensa⁶³ – onde se vale de uma tribuna para divulgar sua interpretação da sociedade e do tipo de república que sonhara para o Brasil, e onde encontra sua melhor “arma de

63 A sua atividade como publicista começou muito cedo, ainda no ano de 1943 e por intermédio de Sérgio Milliet, que abriu-lhe as portas do Jornal O Estado de São Paulo. Quase simultaneamente começou a publicar também na Folha da Manhã. (Fernandes, 1977, p.161-2). Muitos anos depois passou a publicar na Folha de São Paulo, desde 27/10/1980; no Jornal do Brasil, desde 25/9/1987; e no Jornal de Brasília desde 25/9/1988. (Cerqueira, 2004, p.181). Apenas na Folha de São Paulo foram mais de 300 colunas entre os anos de 1989 e 1995, tratando das mais variadas pautas e assuntos. (Sacchetta, 2004, p.12). Os livros *Que tipo de República*, publicado originalmente em formato de livro pela Editora Brasiliense e posteriormente pela Editora Globo em 2007, e *A Constituição inacabada*, publicada pela Estação Liberdade em 1989, reúnem escritos publicados essencialmente nos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Brasil. O livro *A transição prolongada: O período pós-constitucional*, publicado pela Editora Cortez em 1990, reúne 94 escritos publicados em sua maioria na Folha de São Paulo, mas também no Jornal do Brasil e na Voz da Unidade. O livro *Florestan Fernandes: a força do argumento*, publicado pela EDUFSCar em 1997, reúne 82 escritos publicados nos jornais Folha da Manhã e Folha de São Paulo, a maioria deles entre os anos de 1984 e 1995.

combate” à ditadura e ao “capitalismo selvagem”. E foi desta atividade de publicista que também se viabilizou a sua candidatura a deputado federal na Assembleia Nacional Constituinte pelo Partido dos Trabalhadores, que fora fundado em 1980 e ao qual Florestan veio a se filiar em 1986.⁶⁴ Sobre o PT, escrevera dois trabalhos: *Pensamento e ação: o PT e os novos rumos do socialismo* (1989) e *O PT em movimento: contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores* (1991). O curso que Florestan lecionara em fins dos anos 1970 sobre a Revolução Cubana e a análise que realizara sobre o caso chileno o levava a compreender que na América Latina a fraqueza das classes subalternas cria a necessidade de partidos que são frentes ideológicas e políticas capazes de unir tendências diferentes.⁶⁵ Daí sua posição de “cabem todos os rebeldes debaixo de seu guarda-chuva”.

No lançamento de sua candidatura assumiu o compromisso de defender a escola pública e as reformas de base; empenhar-se na defesa de medidas socialistas e no combate a iniquidades econômicas, sociais e políticas; lutar pela igualdade racial e por quaisquer preconceitos etc.⁶⁶ Fora eleito com 50.024 votos (o quarto deputado mais votado do partido) para defender os interesses dos “de baixo”. Lutou com outros quinze companheiros de bancada para aprovar leis capazes de pavimentar a construção de uma *democracia da maioria*. No entanto, o campo progressista (que agregava as forças dos partidos de esquerda e de parte

64 Como assessor parlamentar de Florestan, Cerqueira conta que “quando o PT se preparava para disputar as eleições ao Congresso Constituinte, Lula telefonou para Florestan e o convidou para uma conversa na sede do partido, juntamente com Eduardo Suplicy e José Dirceu. Propôs que ele se candidatasse a deputado constituinte. Florestan agradeceu a gentileza e disse: “Não sou político profissional, portanto não sei fazer campanha política. Não tenho recursos para financiar uma campanha. Também estou recém-saído do hospital e a campanha vai ser muito desgastante para mim”. Lula insistiu. Aí Florestan perguntou: “o que o PT oferece para que eu seja candidato? Vocês vão me dar alguma coisa? Lula disse: “Nada. Você é que vai dar 30% de tudo o que recolher para o partido”. Florestan deu uma gargalhada e disse: “Está bom, assim eu aceito” (...). O PT não era o partido sonhado por Florestan, mas ele considerava o mais próximo das condições que os trabalhadores dispunham para romper com a subalternização. Entendia que naquele momento as condições sociais, culturais e políticas do país não permitiam a existência de um partido revolucionário. Porém, percebia a necessidade de um sistema que organizasse as manifestações operárias nas bases. Dizia-se também assustado com aquele arco de forças, que ia desde o movimento de comunidades de base sem conotação política, de caráter humanitário, passando por um núcleo socialdemocrático até socialistas democráticos e comunistas e socialistas revolucionários. Ele acredita que o partido promoveria uma grande transformação na cultura política do país” (2004, p.123; 120-121).

65 Consultar a revista Teoria e Debate número 13. São Paulo, jan/fev/mar de 1991.

66 Sobre a *Candidatura Florestan Fernandes – PT, o Lançamento da campanha, e o Compromisso político* assumido por Florestan ver: FERNANDES, Florestan. *Pensamento e Ação. O PT e os rumos do socialismo*. São Paulo : Globo, 2006, p.123 a 139.

do centro) era numericamente bastante inferior quando comparado às forças conservadoras, que eram maioria no Congresso e formavam posições contrárias às reformas agrárias, urbana etc. Na Constituinte denunciava estar-se desperdiçando “uma oportunidade rara para a burguesia”, para tentar amenizar as distorções do “capitalismo selvagem” antes que fosse sucumbida pela crise econômica e pela barbárie.⁶⁷ Florestan foi um dos poucos parlamentares a se reeleger para um segundo mandato a deputado federal, que o exerceu entre 1991 a 1994. Como parlamentar, foi considerado dos mais destacados representantes da esquerda no Congresso, o mais destacado no Congresso Constituinte, segundo Cerqueira.

Sobre esse período mais recente da história brasileira, nos deixou uma análise exaustiva numa vasta produção de livros, artigos para os jornais e revistas, depoimentos etc. Entre os livros (onde alguns dão conta também de parte de sua atividade como publicista), aparecem: *Que tipo de República? (1986)*; *Nova República? (1986)*; *O Processo Constituinte (1988)*; *A Constituição inacabada (1989)*; *O desafio educacional (1989)*; *O significado do protesto negro (1989)*; *A transição prolongada (1990)*; *As lições da eleição (1990)*; *Depoimento (1991)*; *Reflexão sobre o socialismo e a auto-emancipação dos trabalhadores (1991)*; *Parlamentarismo: contexto e perspectivas (1992)*; *LDB: impasses e contradições (1993)*; *Democracia e desenvolvimento: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual (1994)*; *Consciência negra e transformação da realidade (1994)*; *Tensões na educação (1995)*; *Em busca do socialismo (1995)*; e *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários (1995)*.

No prefácio (20 de julho de 1995) de seu último livro, *A contestação necessária*, observou que a maior controvérsia dos países que conduziam os grandes processos históricos se vinculava à extirpação do socialismo. Constatou a presença de uma propaganda conservadora que procurava não deixar 'pedra sobre pedra', sobretudo após experiências revolucionárias concretas. Uma “onda conservadora, sem paralelos na história da humanidade” voltava disfarçadamente a modelos pré-democráticos, que reduziam cotidianamente a proporção de

⁶⁷ Ver Cerqueira (2004), especialmente, os capítulos 4 – *O cientista militante e a esperança no socialismo*; e 5 – *O professor Florestan Fernandes no Congresso Constituinte*.

cidadãos “responsáveis” e “participantes” ao mesmo tempo em que excluía a massa dos “eleitores” da condição de “cidadãos válidos”. De seu centro dinâmico despejava “os seus efeitos na periferia, com intensidade variável, dado que a ela se agregaram conflitos raciais, étnicos e religiosos que pareciam superados ou os riscos de revivências revolucionárias” (p.08). Enquanto os conservadores impunham aniquilar da memória histórica as tendências político-filosóficas do anarquismo, do socialismo e do marxismo, Florestan refletia sobre o pavor que a repetição de tentativas revolucionárias e a fobia contra frágeis versões da social-democracia causavam, mesmo depois da Guerra Fria.

Falando sobre o Brasil, acreditava que o quadro aqui não era tão sombrio se comparado aos EUA e Europa. Nessas partes do Norte, a confusão que os controles ultraconservadores impuseram sobre a inteligência e o comportamento radical surgia com um ímpeto destrutivo. Aqui, ao contrário, havia um “vazio político” que protegia a emergência ou o reaparecimento de forças sociais que não foram eliminadas.

No Brasil, ocorreu um deslocamento de rumos do socialismo e da social-democracia. Esta se amalgamou ao controle conservador, interno e externo, da economia, da cultura e do Estado. Serve como instrumento de continuidade no poder das elites das classes dominantes e de contemporização com os baixos salários e a exclusão de milhões de indivíduos da sociedade civil. O socialismo, porém, encontrou canais de autodefesa relativa. O pensamento radical enervou-se e reativou nichos de sobrevivência construtiva. (Fernandes, 1995b, p.08).

*A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*⁶⁸, nas palavras de seu próprio autor, “restabelece o valor de uma herança intelectual e política que parecia condenada ao esquecimento ou à supressão pela violência”, e “focaliza como seu objeto o eclodir de aspirações utópicas, que foram destroçadas pelas classes dominantes e pelo recurso extremo a duas ditaduras” no Brasil. E ainda “assinala esperanças frustradas, que sobrevivem e crescem no substrato de uma sociedade capitalista fomentadora de

68 Entre os intelectuais inconformistas e revolucionários, Florestan incluiu 14 pessoas (Luís Inácio Lula da Silva, José Martí, José Carlos Mariátegui, Caio Prado Júnior, Roger Bastide, Antonio Candido, Octavio Ianni, Richard Morse, Luís Carlos Prestes, Gregório Bezerra, Carlos Marighella, Hermínio Sacchetta, Cláudio Abramo, Henrique de Souza Filho (Henfil) e Fernando de Azevedo) que buscaram construir uma “sociedade nova”, pelas vias reformista, radical e revolucionária. Sua preocupação maior em resgatar o valor destas e de outras heranças intelectuais e políticas era retomar a questão de como ideias podem (ou não) transformar-se em conhecimento crítico, e quiçá engendrar as forças sociais dos trabalhadores e de outros grupos em uma sociedade acentuadamente fechada às mudanças sociais impostas de baixo para cima, como era (e ainda é) a sociedade brasileira bem como outras tantas sociedades latino-americanas.

contradições que convertem a radicalidade em estilo de pensamento e ação, indispensável à construção de um futuro limpo da canga arcaica e ultraconservadora”. (idem, p.09, 12 e 13). Sobre os papéis dos intelectuais nos movimentos sociais e sobre o destino de sua produção, indagou se sucumbiram à onda conservadora ou ainda contavam com os meios para criar ideias suscetíveis de elaboração prática no plano político-cultural. No caso dele próprio, é fato que não se subordinou a uma ótica liberal e não se submeteu ao pessimismo da “trágica etapa de negação do socialismo” e da “morte do comunismo” e do marxismo, propaladas no fim do século passado. Ao contrário de muitos, constatou que “o socialismo não morreu! Ele existe e vive na ótica reformista ou revolucionária de subalternos, operários ou não, e nas atitudes dos intelectuais que alimentam as correntes das ideias contestadoras” (ibidem, 1995b, p.24).

Em seu cuidadoso trabalho biográfico sobre Florestan⁶⁹, Laurez Cerqueira nos conta que a profunda convicção do grande sociólogo de que o socialismo era o melhor caminho para o Brasil ficou marcada numa frase lapidar pronunciada por ele antes de entrar na sala de cirurgia para a realização de um transplante no Hospital das Clínicas: “*o que me mantém vivo é a chama do socialismo que está dentro de mim*”. Infelizmente, por uma sucessão de erros e negligência da equipe médica, Florestan veio a falecer seis dias depois, em 10 de agosto de 1995. Seus escritos, sua memória e sua luta pela construção do socialismo continuam vivos.

Considerações

Ao estudar a trajetória de Florestan Fernandes, o que vejo é o socialista sempre presente. É certo que as primeiras noções vagas do 'socialismo' vão sendo no percurso superadas pelas compreensões mais acuradas do socialismo utópico e científico. Isso não implica separação definitiva entre o jovem e o maduro, sempre desejoso da mudança social e ativo (com intensidade e conteúdos variados) no enfrentamento dos múltiplos dilemas de nossa sociedade. Rupura

69 Em *Trajetórias paralelas, Caminhos cruzados*, onde é apresentado este trabalho biográfico, Vladimir Sacchetta conta que “este livro celebra a inauguração da Escola Nacional Florestan Fernandes, erguida em Guararema, interior de São Paulo, graças ao extraordinário esforço coletivo dos companheiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e à solidariedade de seus amigos e apoiadores. Uma biografia e um espaço de reflexão prestam justa homenagem ao pensador que deu o melhor de si por um Brasil melhor, com liberdade, igualdade e felicidade. (...) Florestan Fernandes vida e obra resgata a trajetória do homem e do intelectual que jamais perdeu a perspectiva socialista nem suas raízes de classe”. (Cerqueira, 2004, p.05, grifos meu).

aqui seria se o menino pobre, o dedicado e talentoso estudante, o sociólogo renomado, o militante, o publicista, o parlamentar ou qualquer um desses vergasse do socialista (reformador/revolucionário) num “pobre diabo”, num conservador, reacionário ou contrarrevolucionário.

Estudando a trajetória de sua obra, o que vejo é um sociólogo que durante muitos anos dedicou o melhor de si na “descoberta da verdade”, tanto por meio de uma sociologia científica enquadrada na ordem social vigente, como numa investigação sociológica questionadora e desagregadora da dominação burguesa e capaz de irradiar as revoluções “dentro da ordem” e “contra a ordem”. É certo que essa sociologia crítica e militante, identificada com os ideais socialistas de reforma e de revolução sociais (a esta última deu sua “adesão definitiva”), marcou desde cedo a sua evolução intelectual. Também é certo que sua persistência em “enlaçar a sociologia, como ciência, ao socialismo, como movimento político revolucionário” lhe impôs um pesado dilema psicológico, político e moral. Houve mesmo um momento em que sociologia perdera para ele o seu encanto, e em que não se via mais como a mesma pessoa nem o mesmo sociólogo.⁷⁰

Há quem negue o socialismo de Florestan por considerá-lo um “sociólogo acadêmico”. De outro, há quem vislumbre à sua condição de sociólogo, do início ao fim, a um vínculo estreito com o socialismo científico e o materialismo histórico dialético. Estou de acordo com Maria A. N. Arruda, quando afirma que

a riqueza de sua obra [de Florestan] não pode ser convertida em esquemas de interpretação simplificadoros, reduzindo sua visão prismática a concepções unitárias; é igualmente forçado atribuir-lhe intenções cristalizadas desde a mais tenra juventude, como se o intelectual maduro já estivesse pronto desde o nascimento. (...) Qualquer dessas posições repele a complexidade de sua trajetória pessoal e pública, desumaniza sua figura e rasura sua herança intelectual, um patrimônio do nosso pensamento social. (Arruda, 2010b, p.13).

Penso que a devida homenagem no centenário de nascimento do grande sociólogo-socialista que foi Florestan Fernandes, está em responder e enfrentar na teoria e na *práxis* todos os dilemas que se nos apresentam contemporaneamente no Brasil e mais além.

70 Tal afirmação aparece na *Introdução d'A Natureza Sociológica da Sociologia*: “... a sociologia perdeu o seu encanto, para mim. (...) Já não sou nem a mesma pessoa nem o mesmo sociólogo. (...) O que quero enfatizar é que aprendi e pratiquei uma sociologia; e, na medida em que o tempo passou, mudei com ele. No entanto, nem tão depressa, nem tão profundamente quanto seria necessário! Há um abismo entre nós” (Florestan, 1980, p.13-16).

Referências

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "Prefácio. Uma Sociologia do desterro intelectual". In: FERNANDES, Florestan. *Circuito fechado. Quatro ensaios sobre o "poder institucional"*. São Paulo: Globo, 2010a, pp 09-23.

_____. "Por uma sociologia da solidariedade social". In: Florestan Fernandes: Leitura & Legados. São Paulo: Global, 2010b, pp 11-22.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento & GARCIA, Sylvia Gemignani. "À guisa de apresentação". In: ARRUDA, Maria A. Nascimento & GARCIA, Sylvia Gemignani. *Florestan Fernandes: Mestre da sociologia moderna*. Brasília: Paralelo 15, 2003, pp 09-11.

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo: Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 4º ed. São Paulo: Global, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CERQUEIRA, Laurez. *Florestan Fernandes: Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. "Florestan Fernandes e o marxismo: O Brasil em perspectiva socialista". In: CADERNOS DE ESTUDOS ENFF. *O legado de Florestan Fernandes*. São Paulo: 2009, pp 69-89.

COSTA, Jales Dantas. *Brasil e Chile: Riquezas e Pobrezas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, 2014.

_____. "Em defesa do socialismo e do marxismo". *Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, v. 4, n. 2, pp. 1-22, mai./ago. 2014.

D'INCAO, Maria Angela. "Apresentação". D'INCAO, Maria Angela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987, pp 11-15.

FÁVERO, Osmar. "Apresentação". In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Democracia e educação em Florestan Fernandes*. Campinas: Autores Associados; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005, pp 01-07.

FERNANDES, Florestan. "Marx e o Pensamento Sociológico Moderno". In: FERNANDES, Florestan. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira Ed., 1959, pp 301-342.

_____. "O significado das ciências sociais no mundo moderno". In: FERNANDES, Florestan. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira Ed., 1959, pp 290-300.

_____. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. 2º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. *Elementos de sociologia teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

_____. "Sociologia, modernização autônoma e revolução social". In: FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, pp 123-157.

_____. *A Sociologia numa Era de Revolução Social*. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1976.

_____. *A sociologia no Brasil: Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

_____. *Poder e Contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Democracia e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. "Sociologia e socialismo". In: FERNANDES, Florestan. *Em busca do socialismo*. São Paulo: Xamã, 1995a, pp 159-164.

_____. *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Ática, 1995b.

_____. "Florestan Fernandes, histórias e histórias". In: COHN, Amélia (Org.). *Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008, pp 96-147.

_____. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5º ed. São Paulo: Globo, 2011.

FERNANDES, Heloísa. "Presentación. Florestan Fernandes, un sociólogo socialista. In: FERNANDES, Florestan. *Dominación y desigualdad: El dilema social latinoamericano*. CLACSO: Prometeo Libros, 2008, pp 09-28.

_____. "Apresentação. Florestan Fernandes, um sociólogo socialista". In: FERNANDES, Florestan. *Brasil: em compasso de espera: pequenos escritos políticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, pp 07-29.

FREITAG, Bárbara. "Democratização, universidade e revolução". In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987, pp 163-180.

_____. "Florestan Fernandes por ele mesmo". *Revista Estudos Avançados da USP*, v. 10, n. 26, pp. 129-172, 1996.

_____. "Prefácio". In: SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997, pp 09-13.

GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: Sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34, 2002.

IANNI, Octavio. "Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira". In: IANNI, Octavio (Org.). *Florestan Fernandes*. São Paulo : Expressão Popular, 2004, pp 15-73.

OLIVEIRA, Marcos Marques. *Florestan Fernandes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PEREIRA, João Baptista Borges. "A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes". Revista USP. Dossiê Florestan Fernandes, nº 29, pp. 34-41, mar./mai. 1996.

SACCHETTA, Vladimir. "De Vicente a Florestan, sempre ao lado do povo". In: IANNI, Octavio (Org.). *Florestan Fernandes*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp 09-13.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Florestan Fernandes: a inteligência militante*. São Paulo: Boitempo, 2005.

SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997.

Florestan Fernandes: sociólogo e socialista

Resumo

O objetivo do presente artigo é o de sumarizar a trajetória de vida e obra de Florestan Fernandes, sublinhando suas dimensões de sociólogo e socialista, resgatando seus escritos, suas contribuições à sociologia brasileira, sua militância política e publicista, sua integridade humana, e sua incansável luta pela libertação dos oprimidos e menos iguais e pela construção do socialismo no Brasil e mais além. E o fazemos pelas (re)leituras de boa parte de sua extensa obra e de um conjunto de autores consagrados, estudiosos de sua bibliografia que conviveram com Florestan. O que concluímos nos permitiu não só descrever os enlaces entre o sociólogo e o socialista ao longo de sua vida e em parte de sua obra, como também registrar sua integridade e moralidade incontestáveis, sua coerência e seriedade intelectual. Por fim, o que me motiva nesse momento é tanto homenagear o maior dos cientistas sociais brasileiros no ano do centenário de seu nascimento, como instigar, pelo exemplo de sua sociologia crítica e militante, que coletivamente possamos responder e enfrentar na teoria e na práxis todos os dilemas que se nos apresentam contemporaneamente.

Palavras-chave: Florestan Fernandes; sociologia; socialismo; marxismo

Florestan Fernandes: sociólogo y socialista

Resumen

El propósito de este artículo es resumir la trayectoria de vida y obra de Florestan Fernandes,



subrayando sus dimensiones como sociólogo y socialista, rescatando sus escritos, sus contribuciones a la sociología brasileña, su militancia política y publicitaria, su integridad humana y lucha incansable por la liberación de los oprimidos y menos iguales y por la construcción del socialismo en Brasil y más allá. Y lo hacemos al (re)leer gran parte de su extensa obra y de un grupo de autores de renombre que han estudiado su bibliografía y vivido con Florestan. Lo que concluimos mediante estas (re)lecturas nos permitió no solo describir los vínculos entre el sociólogo y el socialista a lo largo de su vida y en parte de su obra, sino también registrar su integridad y moral indiscutibles, además de su coherencia y seriedad intelectual. Finalmente, lo que me motiva en este momento es tanto rendir homenaje al más grande científico social brasileño en el año del centenario de su nacimiento, como instigar, con el ejemplo de su sociología crítica y militante, que colectivamente podamos contestar y nos enfrentar, en teoría y praxis, con todo los dilemas que se nos presentan contemporáneamente.

Palabras-clave: Florestan Fernandes; sociología; socialismo; marxismo

Florestan Fernandes: sociologist and socialist

Summary

The purpose of this paper is to summarize Florestan Fernandes' life and work trajectory, emphasizing his dimensions as a sociologist and a socialist, revisiting his writings, his contributions to Brazilian sociology, his political and publicist militancy, his human integrity, and his tireless struggle for liberation of the oppressed and less equal and for the construction of socialism in Brazil and beyond. And we do this by (re)visiting a good part of his extensive work and of a group of renowned authors who have studied his bibliography and interacted with Florestan. The conclusions we have come to allowed us not only to describe the links between the sociologist and the socialist throughout his life and in part of his work, but also to note his unquestionable integrity and morality, his coherence and intellectual seriousness. Finally, what motivates me at this moment is both to pay homage to the greatest Brazilian social scientist in his birth centenary year and to instigate, by the example of his critical and militant sociology, that collectively we can respond to and face, in theory and in praxis, all the dilemmas that appear to us contemporaneously.

Key words: Florestan Fernandes; sociology; socialism; marxism

